

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**A DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA CATÓLICA E A
“SALVAÇÃO” PARA O DEPENDENTE QUÍMICO: A
FUNDAÇÃO FREI ANTONINO PUGLISI EM UBERLÂNDIA
(1994-2010)**

ANAZIA APARECIDA DE CARVALHO

ANAZIA APARECIDA DE CARVALHO

**A DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA CATÓLICA E A
“SALVAÇÃO” PARA O DEPENDENTE QUÍMICO: A
FUNDAÇÃO FREI ANTONINO PUGLISI EM UBERLÂNDIA
(1994-2010)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Mara Regina do Nascimento.

Uberlândia, março de 2012

ANAZIA APARECIDA DE CARVALHO

**A DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA CATÓLICA E A
“SALVAÇÃO” PARA O DEPENDENTE QUÍMICO: A
FUNDAÇÃO FREI ANTONINO PUGLISI EM UBERLÂNDIA
(1994-2010)**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Mara Regina do Nascimento – Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Christina da Silva Roquette Lopreato

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu

*Dedicado, com carinho, a todos que
contribuíram direta ou indiretamente para o
êxito desta pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, por se fazer sempre presente em minha história.

À minha mãe, **Maria Clara**, pelo exemplo de vida; ao meu pai **Raul**, sua memória se faz presente e seus ensinamentos ainda norteiam muito de nossas ações. Aos **meus irmãos e irmãs e suas respectivas famílias**, sempre presentes, enchendo de alegrias, cores e sons os meus finais de semana de estudo.

Aos amigos: **Jonnathan Margoliner, Aluisio Brandão, Felipe Ribeiro**; iniciar a graduação juntos possibilitou mais que a divisão de trabalhos e apresentações, sonhos e projetos – os fez eternos em meu coração. Aos colegas do **Curso de História da UFU**, das várias turmas por onde passei, em especial a **Kisley, Melise, Eleuza, Durval, Saulo, Thiago, Luzeni** e todos os outros que estão guardados em minha memória, eternizados por sentimentos bons de partilha e dedicação. Em especial ao **Wagner Araújo**, pelo incentivo e amizade que me trouxeram de volta o sonho da graduação.

Ao **Rafael Martins**, pela amizade, afeição e companheirismo, mesmo quando separados geograficamente. Aos **amigos da Comunidade Nossa Senhora Auxiliadora**, minha comunidade de fé, palco de tantas vivências.

Ao **João Batista**, cuja amizade, estreitada pelo período de monitoria na Coordenação do Instituto, eu levarei eternamente em meu coração.

À minha orientadora, **Prof^a. Dr^a. Mara Regina do Nascimento**, por toda a atenção dedicada a esta monografia. Por ter acreditado e contribuído, tornando possível esse momento.

Aos **diretores, funcionários e voluntários da Fundação Frei Antonino Puglisi**, na pessoa de seu presidente **Lazaro Martins**, do coordenador **Frei Carlos Tavares**, e **Frei Márcio José**, suas contribuições tornaram possível essa pesquisa, ainda ao **Frei Hilário Henrique**, por achar tempo entre seus afazeres para ler e sugerir correções ortográficas neste trabalho.

Meus agradecimentos também aos **professores do curso de graduação em História da UFU**, pela dedicação e contribuição à minha formação acadêmica; em especial à **Christina Lopreato**, que ao levar para sala de aula a pesquisa sobre cultura de paz, me ensinou a ver a alteridade como um objetivo alcançável, capaz de vencer as barreiras da sociedade e da religião. Ainda ao Prof. **Jean Luiz Neves**, pela presença na banca de defesa – sei que os olhares e as contribuições de ambos enriquecerão meu trabalho.

“[...] queremos dizer, que se estamos lutando por algo, seja em nossa prática social, seja na acadêmica, é pelo reconhecimento da diversidade, da pluralidade, do direito de batalhar pela construção de projetos alternativos e, sobretudo, de considerar que a nosso ver estaremos produzindo uma história que será sempre política, porque inserida no seu tempo e comprometida com ele”.

(FENELON, 1993)

RESUMO

Este trabalho tem como foco primordial de pesquisa a atuação da Fundação Frei Antonino Puglisi na prevenção e tratamento da dependência química em Uberlândia- MG, a partir de sua fundação em 1994, se estendendo até o ano de 2010. Procura, por meio das metodologias de investigação próprias da História, compreender como se estabelece, na contemporaneidade, a relação entre os conhecimentos e avanços científicos e os preceitos religiosos cristãos para o tratamento do dependente químico, usuário, sobretudo, do álcool e de outras substâncias psicotrópicas como o crack.

Pontuando a evolução do tratamento da dependência química no campo da medicina, busca demonstrar a interação de dois campos, aparentemente tão antagônicos como ciência e religião, na construção de conceitos e contextos que influenciam outros campos da sociedade, como a própria legislação. Considera ainda a formação ideológica em torno do consumo de drogas, tanto pelo viés de um discurso que tenta descriminalizar o dependente, quanto pela proibição versus liberação de determinadas substâncias: proíbe-se a cocaína traficada, mas o mesmo não acontece com os medicamentos causadores de dependência que geram impostos para o Governo.

Na construção da sociedade contemporânea, valores se formam e se transformam, assumindo estruturas diversas, mas sem perder o referencial de proteção e bem-estar. Esses valores são percebidos nas novas construções da família e da comunidade, pontos de apoio à ação governamental, posto que é sobre a família que se faz sentir os efeitos diretos da dependência química.

A partir do Concílio Vaticano II, a pesquisa conduz a uma reflexão que interliga a Doutrina Social da Igreja Católica a interesses da sociedade brasileira. Ao pontuar os valores evangélicos, ainda muito fortemente perceptíveis na sociedade moderna, e o esforço da Igreja em inserir seus ensinamentos como suporte necessário para a recuperação do dependente, concluímos que os elementos do tratamento oferecido pela Fundação Frei Antonino podem não ser únicos, porém são viáveis e podem encontrar novo impulso depois do Documento de Aparecida, onde a Igreja se posiciona mais diretamente sobre as drogas e oferece a possibilidade de dar um novo fôlego ao trabalho voluntário oferecido pela instituição.

SUMÁRIO

Introdução	08
Capítulo 1. A Fundação Frei Antonino Puglisi	14
1.1. O Fundador.....	14
1.2. Um projeto para muitas vidas.....	15
1.3. Voluntariado	22
1.4. Triagem	22
1.5. Comunidade Terapêutica Fazenda Stella Maris.....	27
1.6. Um projeto com reconhecimento.....	28
Capítulo 2. A dependência Química: um problema social?	34
2.1. Drogas, dependência química e a saúde mental: conceitos moventes	34
2.2. Drogas, um problema real ou resultado de um discurso ideológico?.....	35
2.3. Drogas e a adolescência	38
2.4. Família e comunidade: os limites de ação no combate às drogas	41
2.5. Legislação brasileira: atuação conjunta entre governo e família.....	44
Capítulo 3. Doutrina Social da Igreja Católica	50
3.1. Valores evangélicos x sociedade moderna	50
3.2. O Concílio Vaticano II: novos papéis sociais para a família e o Indivíduo	53
3.3. A Fundação Frei Antonino Puglisi: nos passos do Vaticano II	57
3.4. Os doze passos no tratamento da dependência química	60
3.5. Resiliência e fé religiosa	62
Considerações finais	66
Referências Bibliográficas	73

INTRODUÇÃO

A Igreja Católica se tornou ao longo do tempo um dos mais complexos sistemas institucionais da contemporaneidade. Envolve ações e formas de existência que podem ser entendidos a partir do próprio discurso, do discurso das ciências sociais, do direito ou da história. Ao escolher o foco, escolhem-se também as facetas a serem destacadas. Ao historiador, especialmente se criado dentro dos preceitos dessa mesma instituição, o grande desafio é permitir que os discursos se entrelacem e permitam uma visão menos carregada de subjetividade, onde apareça também a crítica.

Perpasso por escolhas que vão se desenhando aos poucos e oferecendo um trabalho que, sem dúvida, tem muito da minha fé e das minhas inquietações. Mas que se mostram também como inquietações gerais da sociedade contemporânea, mesmo que nem sempre permeadas por iguais sinais da fé que professo, e que possivelmente por isso, sei não ser a única estrada que pode conduzir à “salvação” do dependente químico.

A primeira opção neste trabalho é por uma história local, uma história que, no entanto, não se faz e não caminha sozinha. Uma instituição filantrópica desenvolvida dentro das diretrizes da Igreja Católica na cidade de Uberlândia-MG. A ampliação dos objetos e documentos históricos permite a utilização de outros tipos de evidências. É possível juntar à palavra escrita, a oral, invocar a evidência visual das fotografias e testemunhos para completar uns a lacuna deixada por outros.

Permitindo um passeio pelos conceitos desenvolvidos por Raphael Samuel é possível perceber a ampliação dos objetos de pesquisa do historiador, uma mudança que permite um novo olhar sobre a estrutura social. O historiador terá, então, um amplo material para seu trabalho. Suas análises das situações, através da evidência oral, poderão se tornar mais realistas, fugindo dos registros clássicos e oficiais, poderá caminhar por conceitos complexos como trabalho ou religião; apresentar nova perspectiva e espaço para a família, os padrões de vida podem ser vistos pelo viés da vida e economia familiar.

Além de importante fonte de informação, a evidência oral pode criar no historiador uma maior necessidade de documentos e novas perspectivas de uso dos mesmos, para indicações de coisas que estão além do alcance da memória, para datas onde possam haver erros e para precisões que não poderão ou não irão conseguir com evidência oral.”¹

¹ SAMUEL, Raphael. “Documentação: História Local e História Oral”. In: **Revista Brasileira de História**. v.9. n 19. São Paulo, 1990, p. 237

Num esquema evolucionário, percebendo as dificuldades que dizem respeito à própria noção de história local, Samuel lembra as histórias antiquárias onde tudo o que acontecia num determinado local podia ser considerado como significativo e revela as características do historiador local hoje, onde a preocupação com o local ainda é intensa, mas cujo foco principal está nos padrões de desenvolvimento e não tanto nos documentos e acontecimentos individuais.

Verificando um impulso da História Local nos últimos anos em identificar tipos de comunidade, o próprio conceito “comunidade” se mostra um tanto problemático para Samuel e o faz sugerir que os historiadores procurem explorar alguns de seus determinantes e distinguir interesses conflitantes dos que foram compartilhados, sem pressupor a existência do equilíbrio. Assim demonstra a escola inglesa de Leicester, em relação às divisões religiosas, que iluminam a classe e a economia, da mesma forma que aproximam da mentalidade e consciência da época, da maneira como pensam e se organizam os sujeitos².

Utilizando uma metodologia indireta e focada na atividade e relações sociais, o historiador pode chegar a um estudo mais aproximado da real estrutura social, diferenciando o relatório utilizado, ou valendo-se da memória dos sujeitos envolvidos, que ainda possam ser consultados, para desenhar novos mapas que destaquem tanto as pessoas quanto os locais. Assim, a memória se mostra a melhor opção ao caminhar-se pelo complexo campo da religião.

O termo “Religião” representando uma formação religiosa histórica, como o Judaísmo, o Hinduísmo, o Cristianismo, bem como conceitos como sagrado/profano nascem como parte de uma noção culturalmente determinada. A referência, que se faz a esses e outros termos considerados da esfera religiosa, é pertinente ao mundo ocidental cristão e pressupõe, quase sempre, uma nítida separação entre os fatos ditos religiosos daqueles considerados não-religiosos, além de uma estrutura ideológica mítica e ritual, que embora inserida no mundo laico, dele se mantém separada, portanto nem sempre sendo adequada a outros contextos.³

Embora haja um esforço em separar essas duas dimensões, há uma dialética que as une e se manifesta como histórica

o mundo do sagrado e da religião não explode como esfera autônoma, [...] estranha à realidade que, na nossa linguagem se chamaria ‘racional’, mas

²SAMUEL. Op.cit., p. 229

³Di NOLA, Alfonso. “Sagrado/profano”. In: **Enciclopédia Einaudi**. Mythos/logos, sagrado/profano. Imprensa Nacional- Casa da Moeda, V12, 1987. p.107.

exprime-se e manifesta-se precisamente nessa realidade, na relação contínua que a justifica e a explica⁴.

A palavra *Religio* tornou-se um termo para designar todo o conjunto de relações do homem com o não-visível, representando um deter-se perante manifestações não compreendidas. A concepção de um ser sagrado, concebida por todos os povos, adquiriu maior representação através do Deus judaico e mais tarde do Deus cristão. Segundo Georges Bataille, filósofo francês que aborda em seus escritos noções como transgressão e sagrado, isso ocorre por estar o homem então mais distante do animal, vivendo num processo de continuidade, opondo-se à descontinuidade do profano. Ligado a essa ideia de sagrado, se desenvolve ao longo do tempo o sacrifício como parte de um ritual agradável ao ser supremo. A visão do animal como uma coisa, separada do homem pela ausência do espírito favorece sua utilização no sacrifício

“O sentimento do sagrado evidentemente não é mais o do animal que a continuidade perdia em brumas em que nada era distinto. [...] Por outro lado, o animal aceitava a imanência que o submergia sem protesto aparente, enquanto o homem, no sentimento do sagrado, experimenta uma espécie de horror impotente. [...] Sem dúvida alguma, o que é sagrado atrai e possui valor incomparável [...]”⁵

O sacrifício está presente em toda a história de Israel e encontra seu ponto máximo no novo testamento com a imagem do Cristo Jesus⁶. Profundamente identificado com o pobre e excluído da sociedade, o Jesus histórico viveu no início da era cristã e motivou a divulgação de uma nova religião, onde o princípio de amor ao próximo era tão forte quanto à adoração ao supremo e único Deus; pode ser percebido também em culturas anteriores, como uma tentativa de reparação, de extrair do mundo algo pavoroso que precisa ser aplacado, apaziguado e é considerado por Turcke⁷ como algo paradoxal, já que o próprio sacrifício se mostra pavoroso e sua repetição tem a função de rememorar algo que se quer remover do mundo.

Falando sobre a religião, Paul Veyne⁸ credita o sucesso do cristianismo sobre as outras religiões a um ponto principal: o cristianismo é a religião onde o amor é maior que o temor, uma paixão mútua entre a divindade e a humanidade conduz a história de um povo. Mais que uma religião monoteísta, o cristianismo tem um Deus gigante, um Deus sempre

⁴ Di NOLA, Alfonso. Op.cit. p.109

⁵ BATAILLE, Georges. **Teoria da Religiao**. São Paulo: Ática, 1993, p. 32.

⁶ BIBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave Maria, 1995.

⁷ TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas Sp: Unicamp, 2010. p.139

⁸ VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

pronto a perdoar, um Deus que se faz presente na história de Israel, traçando com esse povo uma aliança indissolúvel.

Outro motivo de sucesso dessa nova religião, que já foi vista como seita e perseguida pelo poder romano, diz Veyne, está na figura do Senhor, o Cristo carismático e de autoridade terna. Embora ressalte que nos primeiros anos do cristianismo a maior atração era sua natureza sobre-humana, já anunciada pelos profetas; não sendo a cruz símbolo de suplício, mas de vitória “[...] não era a vítima expiatória, o sacrifício do crucificado sobre o Calvário que fazia conversões, mas o triunfo do ressuscitado sobre a morte”.⁹

Sua morte de cruz é plenificada como ato de amor e obediência a Deus, seu sacrifício pelo ser humano e sua ressurreição dos mortos leva seus discípulos a reconhecê-lo como filho de Deus Criador, motivando-os a divulgarem um Reino de justiça e paz, propagando o cristianismo. Do trabalho apostólico dos discípulos de Jesus nasce a Igreja Católica Apostólica Romana¹⁰, uma igreja onde o maior comprometimento se torna a obtenção de uma vida digna para aqueles que estão à margem da sociedade. Diferente dos deuses pagãos, diz Paul Veyne, o Deus de Israel era real e até humano, um Deus que demonstrava um zelo moralizador e exigente, não se adorava mais a Deus com sacrifícios, mas obedecendo suas leis.

Essa Igreja passou por processos de perseguição e exaltação ao longo de sua existência e subsiste mesmo depois de 2000 anos, independente das pressões e crises internas e externas que a afetam. Já esteve misturada ao poder institucionalizado e se reinventou para se adequar ao contexto sócio cultural em que estava inserida diversas vezes. Independente das crises e críticas que ainda recebe na atualidade, tem se mostrado complexa e atuante nas problemáticas da sociedade.

A figura do Cristo, o Deus feito homem tem motivado atitudes extremas e entregas totais ao longo do tempo. Não é raro ainda hoje vermos pessoas que se dedicam exclusivamente ao anúncio do Reino proclamado por Jesus. Não é raro vermos a ação dessa Igreja, nascida do Cristo Jesus, em favor dos pobres e marginalizados. Apoiados na figura de Cristo, seus seguidores têm reformulado atitudes buscando ser atuantes na sociedade.

Sem querer abarcar a realidade total e sem desconsiderar que essa Igreja sofre e provoca rupturas, o primeiro capítulo quer apontar a ação de um homem profundamente ligado aos problemas de sua época, que encontrou no seguimento de Jesus a sua razão de viver. Identificando-se com os ideais da Igreja Católica, esse homem coloca em andamento

⁹ VEYNE. op.cit., p. 42,43

¹⁰ Atos dos Apóstolos. In: **Bíblia Sagrada**. op.cit.

um projeto que se mostra compatível com a Doutrina Social da Igreja Católica na contemporaneidade: projeta e coloca em funcionamento, na comunidade paroquial onde atuava como Sacerdote, uma creche comunitária e uma Instituição filantrópica para tratamento da dependência química. A utilização de sua biografia tem o objetivo de refletir sobre sua motivação e a ação da Igreja em favor dos fieis, em especial os menos favorecidos financeiramente.

As descrições observadas ainda neste capítulo possibilitam ao leitor uma ideia preliminar sobre a organização do espaço na sede e na Comunidade Terapêutica (CT) bem como do processo de tratamento oferecido pela Fundação, um dos objetos principais da investigação proposta nesta monografia.

Percebe-se hoje em Uberlândia, como em todo o país, a expansão do uso do crack¹¹ e uma relação entre a prática de infrações e o uso abusivo de drogas. Durante muito tempo a sociedade contemporânea negligenciou a complexidade das relações envolvidas nesse processo. Usuário e traficante foram tratados de forma similar e medidas socioeducativas e de proteção só recentemente foram adotadas¹².

Embora o objetivo dessa pesquisa seja o de estabelecer uma relação entre a Doutrina Social da Igreja Católica e a atuação da Fundação Frei Antonino Puglisi no tratamento e prevenção do uso de drogas ilícitas em Uberlândia durante o período de 1994 a 2011, torna-se relevante uma pequena incursão pelo universo da dependência química buscando uma conceituação e contextualização histórica da problemática.

Assim, o capítulo II tenta demonstrar como as políticas sobre substâncias psicotrópicas se desenvolveram no país perpassando pelo discurso do governo no combate ao uso de drogas, refletindo sobre as razões que levam à desconstrução do discurso de contravenção penal nos últimos anos. Busca, ainda, entender como o governo ressalta a participação da família e da comunidade neste processo.

O capítulo III traça as linhas da Doutrina social da Igreja que determinaram ou incentivaram o tratamento da dependência química, a partir de documentos do Concílio Vaticano II e por essa razão, conjecturo que o movimento da Igreja, através da Campanha da Fraternidade de 1994, com o lema “E a família, como vai?”, teve reflexo no projeto da

¹¹ Forma impura de cocaína, droga geralmente fumada, feita a partir da mistura de pasta de cocaína com bicarbonato de sódio.

¹² Lei nº. 11.343/06: Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - SISNAD; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências.

Fundação Frei Antonino Puglisi. A necessidade das famílias carentes e a atuação da laicidade, proposta pelo Vaticano II, foi fundamental para a manutenção da instituição e ainda pode ser sentida na atuação dos voluntários nos dias atuais. O laicismo, afirmando o princípio de tolerância, não se mostra contra a religiosidade, mas atua junto dela favorecendo na Comunidade Terapêutica o desenvolvimento da capacidade de contradizer a lógica do trauma e se desenvolver, no que a psicologia chama de resiliência e que tem se tornado fonte de estudos de vários pesquisadores nas últimas décadas¹³.

O capítulo III traz à tona, também, o Estatuto da Fundação, discutindo a integração das normas internas à Legislação Nacional sobre Drogas e à Federação Brasileira das Comunidades Terapêuticas, destacando a contribuição das instituições religiosas no processo alternativo de tratamento à dependência e a utilização do método dos 12 passos para os cristãos, que se constitui no reconhecimento e reparação dos erros cometidos pelo dependente químico, envolvendo reflexão e ação à luz dos ensinamentos bíblicos.

As páginas seguintes são uma pequena contribuição sobre a temática aos leitores que se aventurarem a caminhar pela pesquisa desenvolvida nesta monografia.

Fica a esperança de que seja também o reconhecimento de um trabalho, iniciado por Frei Antonino Puglisi e continuado por pessoas comuns, no tratamento e prevenção da dependência química de álcool e drogas em Uberlândia. Pessoas comprometidas com a Fundação, como o diretor Lázaro Martins e sua família, participantes ativos na administração desde o início das atividades da Fundação, de Frei Carlos Tavares, criterioso coordenador, fundamental para as adequações à Legislação a partir de 2004 e de Gustavo Hoffay, contribuinte dessa pesquisa com alguns artigos, dependente recuperado, tratado pela Fundação, um exemplo de que é possível obter êxito no tratamento da dependência, através do modelo alternativo de tratamento proposto pela instituição.

¹³ A palavra Resiliência, tomada da física dos materiais, é força de resistência ao choque e recuperação, propriedade elástica que permite aos materiais voltar à forma original após uma pressão deformadora. Na psicologia resiliência é a capacidade de desenvolver-se bem, mesmo após situações de trauma, doença ou estresse desestabilizador. Uma capacidade de proteção que permite a uma pessoa, grupo ou comunidade, impedir, diminuir ou superar os efeitos nocivos da adversidade. A resiliência é tema de pesquisas também nas empresas, como modelo organizacional do trabalho contemporâneo; ou ainda como gestão emocional ou ambiental. Tem motivado pesquisadores como George Barbosa, doutor em psicologia, que realiza pesquisas sobre resiliência desde 2008, ou M. Rutter, que afirma que resiliência se caracteriza por um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam ter uma vida saudável num meio adverso, processo dependente do tempo e da influência de fatores como família, suportes sociais e educação.

Capítulo 1 – Fundação Frei Antonino Puglisi

1.1 – O fundador

Antonino Puglisi nasceu em Bronte, na Itália, em 1915. Recebeu o nome de Santo Puglisi. Sabe-se que seus pais chamavam-se Benedetto Puglisi e Giuseppa Saitta e que sua data de nascimento é 09 de dezembro.

A decisão de trocar o nome surgiu no tempo do noviciado no ano de 1930¹⁴ em Petrallia Sottana. A sua primeira profissão como Religioso, ou votos temporários, data de 1931 e em 15 de agosto de 1936 recebeu os votos perpétuos em Gibilmana, sendo ordenado sacerdote em Messina, no dia 30 de julho de 1939.

Graduou-se em Filosofia e Letras pela Universidade de Catânia em 1948 e foi enviado ao Brasil em 1956. Atuou como professor de Filosofia, História da Filosofia e Grego, Teologia Moral e Direito Canônico, além de exercer a função de cooperador na Paróquia Nossa Senhora de Pompéia em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Como Franciscano Capuchinho, uma divisão dentro da Ordem Franciscana, partiu em missão para Carmo do Paranaíba, onde atuou como Pároco de 1960 a 1963. Em agosto de 1963 foi enviado como cooperador para a Paróquia Santa Terezinha em Uberaba, em março de 1966 se tornou Pároco da referida Paróquia.

“Frei Antonino era laureado em Filosofia e Letras Clássicas, Latim e Grego pela Universidade de Catânia, Itália, e em História Antiga. Co-fundador da Faculdade de Araguari, lecionando ali e em Uberlândia. Ocasionalmente, saía de Uberaba às 15h e retornava de madrugada. A 13/03/1966, com a posse do pároco Frei Francisco Maria de Uberaba e, mais próximo de seu magistério, Frei Antonino vai para Uberlândia e Universidade Federal.”¹⁵

Ao ser enviado para Uberlândia, logo assume a função de professor de latim na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde posteriormente ainda lecionaria História Antiga. Seu trabalho como professor divide espaço com a função de vigário paroquial na Paróquia São Sebastião na periferia da cidade.

¹⁴ Frei Antonino de Bronte foi o nome adotado a 10 de agosto de 1930.

¹⁵ **Jornal de Uberaba**. PEDROSO, Carlos. Edição de 26/04/2009. Disponível em <<http://www.jornaldeuberaba.com.br/?MENU=CadernoA&SUBMENU=Opiniao&CO...>>acesso em 24 ago. 2011.

Após ser designado a servir na Paróquia de São Sebastião, no bairro Tibery, Frei Antonino continuou a lecionar pela Universidade Federal de Uberlândia; ao longo de duas décadas esteve como professor titular de Latim, História Antiga e Literatura Clássica para alunos daquela instituição¹⁶.

Embora profundamente comprometido com questões educacionais, suas maiores contribuições para os moradores do Bairro Tibery, onde fica situada a Paróquia São Sebastião, tiveram cunho social: uma creche comunitária, que ainda hoje acolhe crianças do bairro e a Fundação Giuseppina Saitta, mantenedora da Comunidade Terapêutica Stella Maris, onde é realizado o tratamento para dependentes químicos de álcool e drogas, atendendo pessoas do próprio bairro e de outros bairros da cidade e região.

Empregou seu dinheiro em obras sociais. Com seu nome, funda a 15/09/1987 a "Creche Comunitária Santino", para 110 crianças. Frei Antonino se chamava Santo Puglisi, filho de Benedetto Puglisi e Giuseppa Saita. Muito ajudado pela Prefeitura de Uberlândia, em homenagem a sua mãe fundou a "Fundação Giuseppa Saita", mantenedora da "Fazenda Stella Maris", para a recuperação de dependentes químicos.¹⁷

1.2 – Um projeto para muitas vidas

Em 1994 surge a Fundação Giuseppina Saitta, conforme Ata de Constituição lavrada em 14 de novembro

[...] Com o propósito de constituir uma fundação com objetivos filantrópicos, sem fins lucrativos, visando principalmente a recuperação de dependentes de substâncias entorpecentes e a prevenção ao uso indevido das mesmas. A dotação¹⁸ inicial necessária a constituição da fundação conforme determina a Lei será de R\$ 70.000,00 (setenta mil reais). Quantia esta doada por Santo Puglisi. Todos os presentes na reunião são considerados sócios fundadores e decidiram que a fundação receberia o nome de Giuseppina Saitta, em homenagem à mãe do senhor Santo Puglisi (Frei Antonino)¹⁹.

¹⁶ **Jornal Correio de Uberlândia**. HOFFAY, Gustavo. Uberlândia. 2010 disponível em:< <http://www2.correiodeuberlandia.com.br/?tp=coluna&post=19126&uid=38>> acesso em 24 ago.2011.

¹⁷ Jornal de Uberaba. PEDROSO, Carlos. op.cit.

¹⁸ Soma de importâncias consignadas no orçamento para atender ao pagamento de certa ordem de serviços públicos

¹⁹ **Instituição da Fundação Giuseppina Saitta**. Livro 1, p. 1, 1994. Ata, arquivo da coordenação da Fundação Frei Antonino Puglisi

O início das atividades da Fundação nesse ano em específico remete a um movimento mundial em favor do resgate dos valores da família na sociedade, 1994 fora proclamado, pela Organização das Nações Unidas, como ano internacional da família, com o tema: "Família, Capacidades e Responsabilidades num Mundo em transformação". Nesse mesmo ano, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lança a Campanha da Fraternidade (CF)²⁰ com o Lema: "A família, como vai?". Na mensagem de abertura, o Papa Joao Paulo II reflete sobre as questões do mundo atual: "*O clima de hedonismo e de indiferentismo religioso, que está na base do esfacelamento de boa parte da sociedade, propaga-se no seu interior e é a causa da desagregação de muitos lares*", diz o Papa, conclamando às famílias viverem segundo o modelo da Família de Nazaré, reportando que é urgente a atenção sobre a instituição familiar, resgatando valores do matrimônio cristão

Urge, caros Irmãos, restaurar o sentido cristão do matrimônio. Urge considerá-lo, especialmente dentro da Pastoral das Famílias, como uma vocação à santidade nas realidades ordinárias da vida conjugal; recordem os casais que é sinal revelador da autenticidade do amor conjugal a abertura à vida[...] Fazei da família um remanso de paz e de alegria. Pedi a Deus que em cada lar cristão se reproduza de algum modo o mistério da Igreja, escolhida por Deus e enviada como guia do mundo²¹

Assim o projeto de um local para tratamento da dependência química vem ao encontro das propostas da CF 94, como uma ação concreta da Igreja local, sob a organização de Frei Antonino Puglisi em favor da família uberlandense, não podendo ser visto como uma ação isolada e sim como parte de um projeto que envolvia também a sociedade civil. Resgatar o dependente químico seria uma forma de tornar a família esse remanso de paz e alegria.

²⁰ Projeto lançado pela Igreja Católica brasileira, em nível nacional em 1963, sob o impulso renovador do Concílio Vaticano II, em andamento na época, e realizado pela primeira vez na quaresma de 1964. De 1963 até hoje, a Campanha da Fraternidade se identifica como uma atividade ampla de evangelização desenvolvida no tempo da quaresma, envolvendo cristãos e pessoas de boa vontade na busca de uma vida baseada na fraternidade e em compromissos concretos no processo de transformação da sociedade a partir de um problema específico. Segundo a CNBB a Campanha da Fraternidade tem como objetivos permanentes: despertar o espírito comunitário e cristão no povo de Deus, comprometendo, em particular, os cristãos na busca do bem comum; educar para a vida em fraternidade, a partir da justiça e do amor, exigência central do Evangelho; renovar a consciência da responsabilidade de todos pela ação da Igreja na Evangelização, na promoção humana, em vista de uma sociedade justa e solidária. Uma coleta nacional é realizada no final da campanha, todos os anos, para o sustento da ação evangelizadora da Igreja e viabiliza a realização de projetos de caridade e ação pastoral da Igreja. Disponível em < <http://www.cf.org.br/natureza.php>> acesso em 08 nov. 2011.

²¹ Mensagem do Papa João Paulo II aos brasileiros por ocasião do lançamento da "Campanha da Fraternidade" de 1994. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/pont_messages/1994/documents/hf_jp-ii_mes_19940216_campagna-fraternita_po.html>acesso em 08 nov 2011.

Frei Antonino, oferece um local para que os dependentes químicos fossem internados para participarem de tratamento terapêutico que garantisse a manutenção da sobriedade e a reinserção do dependente na família e sociedade.²² Esse local, chamado “Fazenda *Stella Maris*” situa-se próximo à cachoeira da Sucupira na zona rural da cidade de Uberlândia (figura 1) e surgiu algum tempo antes que seu centro administrativo: a casa *Domus Aurea*. Até então as reuniões do conselho deliberativo e Diretoria da Fundação, bem como dos familiares dos internos eram realizadas em locais emprestados.



Figura 1 - Vista aérea da comunidade terapêutica fazenda Stella Maris .
disponível em: <http://maps.google.com/maps?ll=-18.993992,-48.172728&z=15&t=h&hl=pt-BR> acesso em 17 set 2011

A Fundação foi criada por Frei Antonino respondendo às preocupações e necessidades de famílias que o procuravam por causa do envolvimento de alguns membros de suas famílias com drogas e álcool, em resposta a uma proposta da Igreja do Brasil, através da CNBB, no entanto, isso não diminui a atuação de Frei Antonino ao criar a primeira instituição católica envolvida no tratamento da dependência química da cidade de Uberlândia. Sensível ao sofrimento dessas pessoas e com ajuda de políticos²³ e sociedade

²² As particularidades do tratamento são apresentadas ao longo deste capítulo.

²³ A ata de instituição data de 14 de novembro de 1994, sobre a presidência do Sr Santo Puglisi, administração de Selma F. Paula Rodrigues, contava alguns políticos no conselho de curadores; entre eles o Dr. João Pedro Gustin, advogado e professor que teve uma participação ativa na política mineira durante 40 anos. Sendo um

civil, Frei Antonino dá início ao projeto filantrópico de uma comunidade terapêutica (figura 2), onde o dependente químico pudesse se tratar. Constituída nos moldes de uma clínica, oferecendo um tratamento terapêutico e não hospitalar, a comunidade abriga dependentes do sexo masculino e tem importante parceria com a Prefeitura de Uberlândia, que participou do início do projeto e atualmente ainda contribui para a manutenção das despesas, destinando verbas que garantem a manutenção parcial da Fundação.



Figura 2 – Comunidade Stella Maris. Arquivo da Fundação Frei Antonino Puglisi, 2011. Fotografia, color.

O Decreto Nº 12.110. de 22 de fevereiro de 2010 abre crédito suplementar na quantia de R\$ 130.000,00 (cento e trinta mil reais)²⁴, no orçamento da Secretaria Municipal de Saúde, visando transferir recursos à Fundação Frei Antonino Puglisi e ao Serviço Evangélico de Reabilitação – SER, ambas, entidades religiosas que atuam na prevenção e tratamento de dependentes químicos em Uberlândia. Em 2011, através do convênio Nº

dos fundadores nacionais do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Sua trajetória teve início nos anos 50, quando ingressou na Câmara Municipal de Uberlândia. Foi eleito vereador por três mandatos no período de 1958-70. Nessa época, também exerceu a Presidência da Casa por três vezes. Até hoje, é o político uberlandense que mais tempo permaneceu na Assembléia Legislativa mineira: foram cinco mandatos consecutivos (1971-1991). Nesse período, se licenciou entre 1979 e 1982 para assumir a Secretaria de Estado de Trabalho, Ação Social e de Desporto, na gestão Francelino Pereira. Quando de sua participação na Fundação Giuseppina Saitta, já estava afastado do cenário político. Disponível em: <http://www.correioeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/uma-historia-de-vida-marcada-pela-politica/> acesso em 17 set. 2011.

²⁴ UBERLÂNDIA, Prefeitura Municipal. **Diário Oficial do Município. Ano XXII nº 3360-A**, Uberlândia-MG, 22 de fev. 2010.

44/2011 a verba destinada para a Fundação foi no valor de 86.000,00 (oitenta e seis mil reais).

As verbas destinadas pelos vereadores têm uma utilização específica, já determinada pelo Convênio votado. A dificuldade na utilização dela é que nem sempre chega para aquilo que a Instituição tem mais necessidade. Para fazer jus à participação nestes convênios, uma série de exigências é estabelecida e após a utilização do capital é necessário uma detalhada prestação de contas ao Ministério Público. Porém, a garantia dessa verba e o acompanhamento que a Prefeitura presta a essas instituições, bem como a criação de órgãos municipais como o CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas) são parte de uma reestrutura na Legislação Nacional sobre Drogas, em vigor desde 2004, cujas linhas gerais serão apresentadas no capítulo dois.

A Comunidade Terapêutica, situada na fazenda *Stella Maris* abriga temporariamente dependentes químicos em tratamento laborterapêutico, neste espaço se fazem presentes voluntários e funcionários da Fundação. Os dependentes químicos permanecem abrigados pelo período de nove meses, mas a partir do sexto mês saem em períodos determinados para ressocialização, quando suas famílias se responsabilizam por suas ações.



Figura 3 – Trabalho labor terapêutico na Comunidade Stella Maris. Arquivo da Fundação Frei Antonino Puglisi. 2011. Fotografia, color.

O espaço físico destinado às suas atividades inclui salas de reuniões, biblioteca, salas para triagem e escritório na casa *Domus Aurea*, além da fazenda de abrigamento, onde estão duas casas, uma capela, área para hortaliças, espaço para recreação. O tratamento terapêutico tem o acompanhamento de monitores, um psicólogo e um professor de educação física.



Figura 4: Capela. Arquivo da Fundação Frei Antonino Puglisi, 2011. Fotografia, color.

O quadro de pessoal inclui ainda um número considerável de voluntários, que revezam no atendimento ao dependente químico na Comunidade Terapêutica e às famílias na *Domus Aurea*, os Conselhos (Diretoria e Deliberativo) ajudam o coordenador na administração da Fundação e ainda se responsabilizam pela obtenção de ajuda financeira, uma vez que os subsídios da Prefeitura Municipal de Uberlândia não conseguem abarcar todas as despesas de alimentação dos internos e a manutenção da Comunidade Terapêutica e da sede.

A pesquisa em foco realizada na *Domus Aurea* possibilitou o conhecimento de parte da motivação que leva esses voluntários ao atendimento de dependentes químicos, mas não consegue dar conta do todo dessa temática. Homens e mulheres atuam na instituição, sem receber qualquer pagamento em dinheiro, dedicam tempo ao projeto e se realizam oferecendo o que chamam de possibilidade de uma vida digna, resgatando o Dependente Químico do mundo das drogas.

Para Georges Simmel²⁵ a religiosidade pode dar forma própria a relações sociais originariamente não-religiosas. Diferente do que pretendia a crítica iluminista, a religião tem a sua própria especificidade, sendo reconduzida à atividade da religiosidade. Assim pelas incursões feitas na história das religiões, Simmel tenta mostrar o nexo entre transformações sociais e o “a priori” religioso.

Para Simmel tanto a coesão quanto a transformação social dão um caráter específico às questões religiosas, o que supõe o mesmo conteúdo prático de vida. Relações sociais particulares, principalmente as estabelecidas em família e na comunidade social, constituem um tipo específico de religiosidade permitida pela simbologia dessas relações. Relações afetivas que são, revelam-se expressivas e dependentes,

como aquelas entre filhos e pais, entre o patriota e a pátria, entre o filantropo e a humanidade, entre o operário e a classe social em luta, entre o conquistado e o conquistador, entre o nobre consciente do seu “status” e a aristocracia, entre o bom soldado e o seu exército. Tratam-se de relações e conteúdos emocionais dotados de uma tonalidade particular, que Simmel chama de “piedade”, isto é, “uma modalidade emocional particular do espírito”. A piedade é uma emoção da alma que se transforma em religião quando se projeta em formas específicas.”²⁶

Através da análise de Simmel tentamos lançar nosso olhar sobre essas pessoas que a cada semana, mês e ano de suas vidas se dedicam ao trabalho voluntário na Fundação. Piedade, do latim *Pietas*, indica devoção tanto para Deus como para os homens. Piedade e comprometimento religioso levam a busca de “Salvação” não apenas para si, como para seu semelhante.

Estou certo de que, sem ela (a fé religiosa), a sociedade, tal como a conhecemos, não poderia existir. Nossa fé inabalável num ser humano ou coletivo, muito além de qualquer prova, e, não raro, contra toda prova, é um dos sólidos vínculos que mantêm a sociedade unida. Com frequência, a obediência passiva não se funda no reconhecimento do direito e da superioridade do outro, nem se enraíza no amor e na submissão; mas, antes, é a fé no poder, no mérito, na irresistível força e na bondade do outro.²⁷

²⁵ MARTELLI, Stefano. Georg Simmel e a religiosidade como forma pura das relações sociais. In: **Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura**. Ano II nº7. Ed Paulinas, SP, 2006.

²⁶ Idem.

²⁷ Ibidem.

1.3 – Voluntariado

Para se tornar voluntário na Fundação Frei Antonino Puglisi são necessários alguns critérios: disponibilidade e atenção ao dependente químico, cumprimento do estatuto da Fundação e a assinatura de um termo de voluntariado, que estabelece entre outras coisas, que o trabalho será de caráter gratuito, reconhecendo o voluntário não ter qualquer direito trabalhista. Não é exigida formação escolar ou experiência própria na problemática da dependência química, mas essa última parece ser uma premissa de grande parte do voluntariado que atua hoje na fundação.

São profissionais graduados, comerciantes, donas de casa, funcionários públicos. Pessoas que têm quase sempre um ponto em comum: já estiveram de forma direta ou indireta, envolvidos no tratamento da dependência química, na instituição ou em outras afins. Pessoas que provocam um pouco de estranhamento por trazerem histórias de vida diversas e se unirem por uma causa comum. Quando se aproximaram da Fundação, a maioria procurava tratamento para si ou para alguém da família. Percebe-se em seus olhares uma identificação com a missão da fundação e a necessidade de ajudar quem agora enfrenta a mesma situação.

1.4 – Triagem

São os voluntários que recebem o candidato ao tratamento e suas famílias no primeiro contato. Recebem com um sorriso, mas apresentam uma firmeza de atitudes que pode assustar os desavisados. A reação da família parece ser um misto de dor e frustração quando ouvem os voluntários. Além de incentivarem o tratamento, são claros em relação às perspectivas: a vontade da família não será suficiente para o sucesso do tratamento.

Na *Domus Aurea* o processo de triagem é bem específico, começa com a participação do dependente e de seus familiares (ao menos um) nas reuniões de quinta-feira à noite (figura 5); ao longo do processo de triagem o candidato ao tratamento deve procurar o CAP'S – AD, para realizar exames e uma avaliação psiquiátrica - por apresentar como prioridade o tratamento do dependente químico em regime aberto, algumas vezes no CAP'S –AD o candidato ao tratamento acaba desestimulado a completar a triagem e abandona a Fundação.



Figura 5: Divulgação das reuniões do processo de triagem. Arquivo da Fundação Frei Antonino Puglisi, 2011. Folder, color

Durante a triagem na *Domus Aurea* os candidatos e família são dispostos em quatro salas distintas:

- **Sala 1 – para participantes do processo de triagem**

Quando o dependente chega à fundação, é convidado a separar-se da família e se encaminhar com os voluntários a uma sala de reuniões. Lá é informado dos procedimentos necessários até ser admitido na fazenda. Deverá apresentar documentos, exames, laudos de sua condição física, oftalmológica e odontológica, submeter-se a entrevistas com o psicólogo e com o coordenador. O período de triagem serve também para que, conhecendo melhor a proposta de tratamento, possa amadurecer sua decisão de se submeter ao tratamento terapêutico.

- **Sala 2 – para os familiares dos candidatos ao tratamento**

“Ninguém vai pra fazendinha contra a vontade, é preciso que o dependente queira o tratamento, o que estão fazendo agora é uma tentativa de manipular a família, estão aqui por que esperam que ao procurar a Fundação a família abaixe a guarda. Porque vão mentir, enganar e roubar pra permanecer no vício”.²⁸

Ao deixarem o dependente na triagem, os familiares são conduzidos a outra sala, onde os voluntários prestarão esclarecimentos sobre o tratamento, também ouvirão testemunho de voluntários sobre a maneira que estes encontraram de ajudar no tratamento do familiar envolvido na problemática. Suas falas são várias vezes contestadas pelos familiares, que os julgam duros e temem as consequências de o serem também.

Meu irmão veio até aqui, não porque pressionamos, mas porque quer se tratar, na minha casa ele sabe que é amado, quando está numa crise eu compro drogas pra ele. Por que se não fizer isso, ele vai pra rua e o que acontecer de ruim com ele será culpa nossa. Não acredito que a dureza que “ela” manda usar, possa dar um bom resultado, o que deu certo com o filho “dela”, não significa que dará certo com meu irmão²⁹

Os voluntários demonstram segurança, estão falando do alto de sua experiência, alguns estão ali desde o início dos trabalhos da Fundação, outros chegaram há pouco tempo, alguns dos dependentes que provocaram sua ida para a Fundação continuam “limpos”, outros recaíram no vício, mas a esperança dos voluntários parece mais ampla, já não está no nível familiar, o importante é ajudar.

Não há dúvidas que em qualquer participação em grupos sociais e outras organizações formais, o ser humano busca compensadores e recompensas, também no caso de organizações religiosas podemos encontrar tais elementos, um dependente (ou sua família) pode buscar no ingresso na Fundação um compensador, sua esperança reside em que a Religião, recorrendo ao domínio do sobrenatural³⁰, possa prover a cura de sua dor ou sanar seu problema.

[...] chegamos a uma figura consideravelmente mais complexa do comprometimento religioso. Assim como Weber, também prestamos atenção ao fato de que as organizações religiosas fazem mais do que

²⁸ Fala do voluntário Sr “José” durante a reunião com familiares de dependentes em processo de triagem.

²⁹ Reclamação de um dos familiares de dependente sobre o testemunho de uma voluntária, na sala 2.

³⁰ STARK, Rodney, BAINBRIGDE, William Sims. **Uma teoria da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.

confortar as pessoas por não terem recompensas raras.[...] as organizações religiosas também funcionam como fontes de recompensa.³¹

Outros compensadores podem ser pensados enquanto motivação para a participação em uma organização religiosa: as posições de liderança, a companhia humana. Todos esses elementos podem ser influentes no caso da atuação dos voluntários, porém, a observação remete a uma razão mais profunda, talvez a experiência religiosa tenha favorecido o alívio para suas emoções contidas ou apenas tenham adquirido uma confiança autêntica na capacidade da doutrina oferecida numa clínica com perfil religioso. Cabe a doutrina religiosa oferecer mecanismos capazes de superar os danos já provocados pelo uso e abuso das drogas a que foram submetidos, seja como dependente ou como co-dependente³².

O resultado pode ser positivo ou não. Os voluntários estão cientes disso e sua permanência na Fundação é uma declaração de amor e identificação com a causa social, sua contribuição pode ser pequena, mas essencial para motivar as famílias que estão chegando, com o passar do tempo uma relação de amizade se estabelece entre eles e alguns dos que se assustam inicialmente com a dureza dos testemunhos se tornarão voluntários no futuro.

Sala 3 – para os familiares dos abrigados da Fazenda Stella Maris

Considerados co-dependentes, muitas vezes fragilizados demais pelo longo período de convívio com o dependente, os familiares dos abrigados participam de reuniões semanais, estruturadas de tal forma, que possam aprender sobre teorias, ouvir testemunhos de voluntários, médicos e psicólogos, na tentativa de se tornarem cooperadores do tratamento.

Na parede de entrada da sala é possível ver o cronograma das reuniões, os nomes dos abrigados e monitores. As famílias trazem objetos diversos para serem entregues aos abrigados, entre os objetos podem ser encontrados ocasionalmente cigarros³³.

Estão se adaptando ao processo, a participação na sala começa assim que o dependente é admitido na Comunidade Terapêutica e só termina com o final de seu tratamento, assim aqueles que estão há mais tempo podem servir de incentivo para os que

³¹ STARK, BAINBRIGDE. op.cit, p. 67-68

³² Em contato constante com o dependente, o familiar é considerado co-dependente, dividindo as consequências do uso e abuso da droga, sendo vítima de furtos para alimentar o vício ou enfrentando as crises de abstinência; estão também em processo de tratamento na Fundação.

³³ O tratamento inclui a conscientização sobre os danos provocados, mas não proíbe o consumo de cigarros, por entender que a pressão provocada pela abstinência da droga é mais forte. Durante o tratamento são incentivados a deixarem voluntariamente o cigarro.

estão começando. São envolvidos na preparação de alimentos em eventos promovidos pela Fundação. Em ocasiões especiais como dia das mães, festa junina, Natal, etc. é possível ver a família unida, a alegria do encontro. Porém a participação na sala pressupõe certa cumplicidade com o tratamento. São informados das dificuldades do dependente em relação à abstinência e a Equipe Disciplinar espera que tenham a firmeza necessária para resistir às tentativas de manipulação que podem acontecer durante as visitas.

- **Sala 4 – sala de perseverança**

Para aqueles que já terminaram o tratamento na Comunidade Terapêutica há na *Domus Aurea* uma sala reservada. É um espaço para trabalharem novas experiências, sabem que partilhar as emoções favorece o enfrentamento dos desafios. São incentivados a participarem em outros grupos, como AA ou NA³⁴. São atualmente acompanhados por um estagiário da área da psicologia. Os que se reúnem já venceram os nove meses de tratamento, ou estão em período de ressocialização, alguns estão há vários anos em manutenção da sobriedade. O testemunho destes é motivação para os que chegam à sala.

O psicólogo orienta algumas atividades, lúdicas ou não, para ajudar a trabalhar as emoções e fortalecer a vontade própria. A realidade do dependente mudou desde o tratamento, isolado sob a proteção da Fundação, estava protegido do seu maior medo: a recaída. Agora estão novamente em seu ambiente normal e precisam aprender a lidar com os problemas que se apresentam, sem buscar fuga ou apoio nas drogas.

Ao mesmo tempo em que volta ao ambiente familiar e social anterior é preciso se afastar das pessoas e situações que o levavam ao consumo. Assim a sua participação, tanto nas reuniões semanais na Fundação, quanto em grupos de AA ou NA, pode ser um fator importante para mantê-lo seguro.

³⁴ O AA (Alcoólicos Anônimos) é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo. O único requisito para se tornar membro é o desejo de parar de beber, não há taxas ou mensalidades; apenas contribuições espontâneas dos membros, o NA (Narcóticos Anônimos) é uma associação comunitária de adictos a drogas em recuperação, existente desde meados de 1953, o movimento de NA é um dos maiores e mais antigos deste tipo, com aproximadamente trinta mil reuniões semanais em 100 países. Disponível em < <http://www.infojovem.org.br/infopedia/tematicas/saude/anexo-2/>> acesso em 13 out.2011.

1.5 – Comunidade Terapêutica Fazenda Stella Maris

A participação nas reuniões semanais na sede da Fundação é, para as famílias dos abrigados, pré-requisito para a visita mensal ao familiar em tratamento³⁵. O tratamento prevê e necessita da participação das famílias em todo o processo, inclusive no custeio das despesas.



Figura 6: Momento de espiritualidade. Arquivo da Fundação Frei Antonino Puglisi, 2011. Fotografia, color.

Durante a visita mensal ao dependente abrigado a família participa de uma Missa (figura 6), celebração que conta com a participação dos Frades Capuchinhos. Eles estão presentes também na administração da casa *Domus Aurea*, na coordenação da Fundação e em atividades de espiritualidade e lazer dentro da Comunidade Terapêutica.

Na fazenda, no momento dessa pesquisa, estão nove abrigados, todos do sexo masculino, dependentes do consumo de drogas e de álcool; em breve alguns que participam da triagem serão admitidos, mas isso não significa o aumento do número deles na comunidade terapêutica, em qualquer momento alguém pode desistir do tratamento. Se resolver interromper o tratamento, a família é avisada e se desloca até a fazenda para buscar o dependente. Em nenhum momento o tratamento deixa de ser consciente e voluntário, a Legislação não permite que seja forçado; embora conceitos como consciente, voluntário, livre-arbítrio, comuns na sociedade contemporânea, levem a uma reflexão sobre a sociedade

³⁵ As visitas ao dependente acontecem no segundo domingo de cada mês, para os familiares que tenham participado de todas as reuniões na Domus Aurea.

e seus aparatos de controle, uma vez que o tratamento não deixa de obedecer às normas da Psiquiatria.

Controlado pela Secretaria Municipal de Saúde, o tratamento da dependência química é considerado um seguimento da saúde mental, sob as normas da Psiquiatria. Embora a Fundação conte com um psicólogo para acompanhamento durante o tratamento, há casos de dependência que são tratados pela psiquiatria no CAP'S AD. A Psiquiatria não indica a internação, tanto que a legislação alterou a nomenclatura do tratamento de “internação” para “abrigo temporário protegido”.

Pensar a Fundação e o tratamento oferecido na Comunidade Terapêutica em sua complexidade pode ser tarefa difícil, que não pode deixar de lado a questão da religiosidade e sua atuação na sociedade; outras clínicas de tratamento da dependência atuam na cidade, algumas oferecem um tratamento contra a vontade do dependente e sem o discurso de salvação oferecido pelas comunidades terapêuticas religiosas. Em alguns casos obrigam o dependente a permanecer na instituição sob métodos nada ortodoxos, infligindo-lhe abusos e maus tratos. Investigações da Promotoria Pública de Uberlândia levaram ao fechamento de várias, durante os anos de 2009 e 2010

“[...]eles foram enganados. Eles pensavam que estavam colocando seus filhos aqui para serem tratados em relação a problemas de drogas e, na verdade, esses filhos eram espancados todos os dias aqui dentro”.³⁶

1.6 – Um projeto com reconhecimento

A evangelização é a razão da existência da Igreja. A proximidade dos pobres, dos doentes, dos pecadores e indefesos, a pregação de Jesus e os sinais messiânicos são também conteúdos evangélicos. A evangelização envolve a solidariedade, a libertação, a justiça e a paz. Pontos esses que podem ser considerados como tarefas da Igreja enquanto comprometida pela sua Doutrina Social. Qualquer serviço de evangelização deve envolver os três eixos da existência humana: indivíduo, comunidade e sociedade. A Igreja, ao educar

³⁶ Entrevista do promotor Adriano Bozola, durante o fechamento de uma clínica em Uberlândia, onde estavam 45 dependentes químicos em tratamento involuntário G1. Globo.com. disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1250956-5598,00.html> acesso em 25 ago 2011.

para a fraternidade, para a comunhão, para a justiça, prega uma atuação que direciona para a construção de uma sociedade solidária³⁷.

A Fundação Frei Antonino não pode ser considerada como uma clínica médica, pois apresenta uma proposta de tratamento que foge dos padrões da medicina convencional, porém a compreensão de alguns pontos na evolução da medicina se torna importante para contextualizar a temática da dependência química.

A medicina moderna fixou sua própria data de nascimento em torno dos últimos anos do século XVIII, embora esse fato não possa ser entendido como linear em relação a todos os países da Europa e muito menos ao mundo luso-brasileiro. Enquanto em certas regiões da Europa os avanços da anatomia determinavam a modernização da medicina, em Portugal as ciências continuavam sofrendo as influências aristotélicas, perpassando pelos escritos de Tomás de Aquino e por isso assumindo uma concepção teológica do saber.³⁸

Partindo da premissa de que a inteligência primeira que a tudo ordenava era Deus, para a cultura ibérica até o século XVIII, as ciências físicas e naturais não podiam se sobressair à teológica. Abreu, citando Beatriz Helena Domingues, revela que a cultura portuguesa seguiu caminhos diferentes da Espanha em relação a assumir a “modernidade-moderna (filosófica-cientista)”, mas ressalta que não é possível associar a imagem de Portugal ao atraso científico ou ao isolamento total em relação à cultura.

Em Portugal e na América portuguesa, chegavam aos portos livros que traziam as novidades da medicina e influenciavam a cultura e o imaginário da sociedade, “*predominava nas últimas décadas do século XVIII a perspectiva favorável à cirurgia e à anatomia*”.³⁹ Não se pode negar que as duas esferas, religião e ciência, influenciavam as atitudes do indivíduo, e o corpo humano se tornava objeto da ciência, enquanto servia aos propósitos religiosos, mostrando a transitoriedade da vida.

A medicina no mundo luso-brasileiro do principio do século XVIII é, portanto, inseparável dessa cultura em que ciência, religião e astrologia constituíam-se como parâmetros para entender o corpo humano. [...] Essa tradição de pensamento acerca do corpo seria, entretanto, revista no decurso do século XVIII.⁴⁰

³⁷ SANTOS, Benedito Beni dos. **Discípulos e missionários - reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade**. São Paulo: Paulus, 2006

³⁸ ABREU, Jean Luiz Neves. **Nos domínios do corpo: o saber luso-brasileiro no século XVIII**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011, p.18.

³⁹ Idem, p. 42.

⁴⁰ Ibidem, p. 63.

Conhecimentos e estruturas considerados fora do contexto da religiosidade podem ser apropriados por ela no desenvolvimento de ações em prol do homem. Conceitos técnicos como triagem; clínica de recuperação; tratamento voluntário; elementos usuais na sociedade contemporânea assumem um caráter religioso, salvacionista, sem, no entanto, perder a conotação científica. O século XVIII e a influência iluminista não conseguiu extrair totalmente esse intercâmbio entre as duas esferas, antes parece apenas ter assumido novos parâmetros, principalmente no que concerne ao tratamento do corpo doente, carente de um tratamento que o torne aceitável e normal perante a sociedade contemporânea.

Entender a dependência química como uma doença, a partir da predisposição genética, sem, no entanto, desconsiderar outros fatores de influência, revela uma característica de respeito ao indivíduo que permeia as ações da sociedade contemporânea, como um moralismo científico que substitui o antigo moralismo religioso e que eleva a condição do drogado, de vagabundo a doente, permitindo que as diferenças não sejam punidas, mas, diagnosticadas.⁴¹ A medicina então se encarrega de exercer o controle sobre o corpo doente, se possível curando-o ou treinando padrões considerados normais para que a sociedade possa condená-lo.

Para Foucault⁴² não houve uma ruptura espontânea que caracterizasse a mudança em relação ao tratamento da doença. Não houve psicanálise do conhecimento médico nem ruptura mais ou menos espontânea e os poderes de um espaço visionário de comunicação entre médicos e doentes não desapareceram, antes foram deslocados; o vínculo fantástico entre o saber e o sofrimento não foi rompido. Porém, a clínica, associada sempre ao empirismo, à atenção e ao cuidado que permite que as coisas se apresentem ao olhar, deve sua importância à reorganização profunda dos conhecimentos médicos e do discurso sobre a doença, o que conta nas coisas ditas pelo homem não é tanto o que teria pensado, “*mas o que desde o princípio as sistematiza, tornando-as, pelo tempo afora, indefinidamente acessíveis a novos discursos e abertas à tarefa de transformá-los*”.⁴³

Segundo Foucault, a experiência clínica só se fortaleceu como forma de conhecimento por causa de uma reorganização hospitalar, de uma relação entre a assistência e a experiência; a partir da definição de um uso novo do discurso científico: “*uso de*

⁴¹ CALLIGARIS, Contardo. **Os diferentes são todos doentes?** disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/1045827-os-diferentes-sao-todos-doentes.shtml> acesso em 10 fev. 2012.

⁴² Filósofo e psicólogo francês, considerava-se um arqueólogo do saber e se tornou conhecido por criticar as instituições sociais.

⁴³ FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1997.

fidelidade e obediência incondicional ao conteúdo colorido da experiência”⁴⁴ e esse uso só se efetivou a partir de uma relação com a morte. Foram os cadáveres com seus interiores revelados que permitiram o avanço da medicina.

Assim o homem ocidental se constitui como objeto da ciência a partir de um discurso com referência à sua própria destruição; da colocação da morte no pensamento médico nasceu uma medicina que tem como foco o próprio indivíduo; “*da experiência da Desrazão nasceram todas as psicologias e a possibilidade mesma da psicologia*”.⁴⁵ A medicina se mostrou então uma substituta ou um complemento da própria religião: a saúde apareceu como salvação, oferecendo ao homem moderno a consciência de sua finitude, de sua limitação.

Em sua instituição a clínica derivava de formas de saber já constituídas não apresentando uma dinâmica própria, mas conduzia e organizava um discurso médico⁴⁶. Uma clínica, seja ela médica ou terapêutica, como a Fundação Frei Antonino Puglisi, possibilita um olhar constante sobre o doente, uma atenção especial dirigida ao ser humano, podendo ser importante para a religião uma vez que facilita a promoção da integridade desejada pela Igreja na sua Doutrina Social.

Sob o ponto de vista da Igreja e das famílias envolvidas no tratamento terapêutico na Comunidade Stella Maris, a proposta é de salvação: tratamento e reinserção do dependente químico ao resgatar sua dignidade; para a sociedade há uma esperança de solução para uma problemática que ameaça sua estrutura e paz. Porém, vale a pergunta, o que acontece é a busca de salvação ou a ação de um instrumento de poder que doutrina e cega o indivíduo?

Numa clínica de recuperação onde a aceitação é premissa para que o dependente seja aceito e onde sua determinação garante o encerramento do tratamento, a questão dessa doutrinação pode existir de forma subjetiva na tentativa de promover um bem maior, mas não é perceptível nas atitudes das equipes que ali trabalham.

A Fundação pretende ser referência não apenas no tratamento da dependência química, como também na sua prevenção. Está inserida nos ideais de salvação da Igreja Católica e também no discurso do governo em relação ao combate às drogas. Por causa de seus projetos de prevenção ao uso indevido de drogas, a Comunidade Terapêutica recebe ainda visitas programadas de vários grupos, além de promover palestras em escolas e empresas da cidade.

⁴⁴ FOUCAULT, op.cit, p. 226.

⁴⁵ Idem, p.227.

⁴⁶ Ibidem, p. 226.



Figura 7 e 8: Visitantes. Arquivo da Fundação Frei Antonino Puglisi, 2011.
Fotografia, color

A existência da Comunidade Terapêutica nos moldes da Fazenda Stella Maris, une os conhecimentos da medicina aos fundamentos da Igreja Católica, sob a influência da religiosidade e a partir dela; a Comunidade Terapêutica atende dependentes químicos desde 1994, se ajustando às exigências médicas vigentes e à reestruturação da Política Nacional sobre Drogas; contando com apoio de voluntários e doações de vários benfeitores na

tentativa de continuidade ao projeto de seu fundador, oferecendo além de uma proposta de tratamento, o resgate da dignidade do dependente químico.

Frei Antonino Puglisi foi homenageado pela Câmara Municipal de Uberlândia em 2002 pelos trabalhos realizados em favor da cidade. O título de cidadão honorário lhe foi concedido pelos trabalhos prestados pela Creche Comunitária no atendimento às crianças e pela Fundação Giuseppina Saitta na recuperação e prevenção do uso indevido de drogas. Em reconhecimento ao trabalho e dedicação do fundador, após sua morte em 2004, a Fundação passou a ter seu nome.

Capítulo 2 – A dependência química: um problema social?

2.1 – Drogas, dependência química e a saúde mental: conceitos moventes

Até pouco tempo a legislação brasileira punia de igual forma usuário e traficante. Só recentemente, através do realinhamento da política sobre drogas (2005), a forma legal de tratar o dependente mudou. Considerando a dependência de entorpecentes como problema de saúde mental, as leis nacionais tentam abarcar a complexidade do problema.

Transtornos de humor como depressão e manias, transtornos de ansiedade e alimentares, esquizofrenia e transtornos de personalidades associados ao uso e abuso de drogas levam a Psiquiatria a definir os pacientes nessa situação como portadores de Comorbidades⁴⁷. Graças ao desenvolvimento das ciências e dos constantes estudos nessa área, sabe-se que poucos usuários se tornam dependentes de substância química.

Fatores genéticos, familiares e sociais afetam o indivíduo e parecem determinar sua propensão à dependência. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a influência da cultura, os motivos e a forma de uso para determinar se um usuário é ou não dependente, não sendo possível considerar isoladamente qualquer desses fatores⁴⁸. Nos quadros da modernidade ocidental, a área da psiquiatria é responsável pelo tratamento oficial do dependente químico, e dentro desses parâmetros o cérebro é compreendido como a parte mais afetada pelo consumo de drogas, especialmente tratando-se do crack.

Drogas lícitas ou ilícitas podem prejudicar o funcionamento do cérebro. Analisando seu efeito geral no sistema nervoso a droga pode ser classificada como depressora, estimulante ou perturbadora. Essas substâncias produzem no cérebro prazer ou reduzem as sensações desagradáveis, atuando em diversas áreas do cérebro, liberando uma quantidade maior de dopamina, uma substância neurotransmissora responsável pelo aumento do prazer⁴⁹.

⁴⁷FORMIGONI, Maria Lucia Oliveira de Souza, DUARTE, Paulina do Carmo Arruda Vieira (Orgs). **Fé na Prevenção: prevenção do uso de drogas em instituições religiosas e movimentos afins**. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2009. p.117-125.

⁴⁸ Idem, p.52-53.

⁴⁹ Brasil, Presidência da República. **Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias** – 2.ed. – Brasília: Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD, 2010. p. 15-31.

A legislação estabelece hoje que o usuário e o traficante sejam tratados de forma diferenciada⁵⁰. Entende a Justiça que o dependente químico possa ser tratado e reeducado para ressocialização. Assim são encaminhados para tratamento, em alguns casos, substituindo a droga ilícita por outras lícitas, prescritas pelo Psiquiatra. Em muitos casos o uso de crack afeta tanto o cérebro que não é possível o tratamento sem essa substituição.

2.2 – Drogas: um problema real ou resultado de um discurso ideológico?

A modernidade, essa referência de tempo e espaço que anula fronteiras geográficas e raciais, que lança no cenário da globalização⁵¹ povos inteiros, unindo a maioria das pessoas, permitindo o compartilhamento de experiências de vida é também essa percepção de permanente mudança e contradição que gera angústia, incertezas e desintegração, num universo onde, como afirmava Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar.”⁵²

Segundo Marshall Berman a aventura da humanidade, nesses aproximados quinhentos anos que marcam o advento da modernidade, é sentida como um turbilhão de contradições, alimentado de diversas formas

grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral [...] enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão.⁵³

Para falar de modernidade no século XIX, Berman reflete sobre vários pensadores, entre eles Marx, para quem a burguesia, a nova elite, seria destronada pela força revolucionária gerada em seu próprio seio: os operários. Estes levariam finalmente à queda desse sistema e o advento de uma nova época onde o bem comum seria garantido

⁵⁰ Lei 11.343 de 23.08.2006.op.cit.

⁵¹ O termo globalização é usado aqui como o processo histórico de integração e interdependência econômica entre diversos países do mundo. Interdependência que não se traduz em igualdade, necessariamente.

⁵² BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

⁵³ Idem, p. 16

Agora Marx e Nietzsche – e Tocqueville e Carlyle e Mill e Kierkegaard e todos os demais grandes críticos do século XIX – chegam a compreender como a tecnologia moderna e a organização social condicionaram o destino do homem. Porém todos eles acreditavam que os homens modernos tinham a capacidade não só de compreender esse destino, mas também de, tendo-o compreendido, combatê-lo⁵⁴

De Marx até nosso tempo, inúmeros escritores têm pontuado as características da modernidade e contribuído para a visão negativa do período ou se lançado numa utopia de sociedade ideal. Se para Marx a abolição das lutas de classe é o futuro pacífico da humanidade, para Jeremy Bentham, filósofo e jurista inglês, a paz só seria possível graças à vigilância constante; o panóptico⁵⁵, modelo idealizado por Bentham, com seu princípio de vários olhos a observar, poderia garantir pelo controle psicológico (sensação de ser vigiado) a correção dos seres humanos⁵⁶.

A vigilância proposta por Bentham é, segundo Michel Foucault, forma de dirigir e controlar os corpos e sua materialidade, pois é impossível a “*liberdade para a moderna humanidade.*”⁵⁷ Os indivíduos se desligam de uma autoridade disciplinar para se ligarem a outra, num processo favorecido pelo “discurso do poder”, sendo a linguagem uma forma de cárcere.

Tantos movimentos modernistas e depois de muita evolução e adaptação do capitalismo, a visão dos efeitos provocados no homem por essas mudanças ainda é negativa. A busca por seu espaço tem levado o homem a uma crescente necessidade de afirmar sua individualidade, de preservar-se, sentir-se livre, mas suas ações provocam o caos. Para muitos, a melhor solução para todas as contradições é deixar de viver ou encontrar fuga para os problemas aparentemente sem solução. A busca pela liberdade pode provocar situações de conflitos de ordem pessoal e também nas relações interpessoais.

Reconhecer as questões que envolvem a liberdade nesse período moderno é algo complexo, para Zygmunt Bauman, histórica e antropológicamente, um indivíduo livre é

⁵⁴ BERMAN. op.cit, p. 29

⁵⁵ BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

⁵⁶ O Panóptico ou a casa de fiscalização, apresenta um princípio de construção aplicável a qualquer estabelecimento, onde seja necessário a vigilância, em especial penitenciárias, casas de correção, prisões, hospitais e escolas; nele os reclusos tem proteção segura, vivem reclusos, solitários, sob um regime de trabalho forçado e de instrução. O princípio dos vários olhos, que vigiam sem ser vistos, possibilita que o interno se transforme naquilo que eles mesmos não desejam ter. Adaptados aos interesses de quem os aprisiona, o panóptico pode vigiar os loucos, modificar os maus, tratar os doentes, ensinar novas atividades ou encaminhar as novas gerações nos caminhos da educação. Sugere uma doutrinação cujo domínio ideológico garantiria a regularidade das ações dos internos. Na construção arquitetônica, a posição central do diretor permite que ele veja sem ser visto e assim saiba tudo a respeito dos reclusos, enquanto esses nada sabem dele, mas se imaginam constantemente sob vigilância.

⁵⁷ BERMAN. op.cit, p. 37

raro, “*longe de ser uma condição universal da humanidade, é uma criação histórica e social*”.⁵⁸ Para a sociedade moderna, a liberdade precisa ser resguardada, mantida por medidas que significam a orientação e a vigilância da conduta. A ordem social é em todo o tempo, buscada e desejada.

A sociedade moderna, com seus aparatos e dispositivos de segurança, apresenta uma questão profunda para esta pesquisa: o que incomoda é o uso das substâncias consideradas psicotrópicas e a eventual dependência estabelecida entre alguns usuários ou o tráfico ilegal das mesmas?

Explicar o uso de substâncias psicotrópicas utilizando os paradoxos da modernidade seria uma atitude simplista e inconsequente, é necessário considerar que a problemática não possui apenas uma ponta, embora as atuais condições sociais sejam utilizadas como justificativa por alguns dependentes químicos que procuram a Fundação Frei Antonino Puglisi.

Tão antigo quanto a própria humanidade é o uso das chamadas substâncias psicotrópicas. Antigas civilizações fizeram uso milenar delas, seja em rituais de passagem ou na cura de doenças. A maconha, nome popular da planta *Cannabis Sativa*, tem uso medicinal há mais de 12.000 anos. Os espanhóis, no século XVI levaram as folhas de uma planta chamada *Erythroxylon Coca* para a Europa; seu uso foi indicado para tratar depressão, fadiga, fraqueza e dependência dos derivados do ópio, também dela era produzido um vinho fortificante amplamente usado pela sociedade e no Brasil seu comércio visava o tratamento de infecção na garganta e tosse. Apenas em 1914 essa planta de onde se extrai a cocaína teve seu uso proibido no país⁵⁹.

Na Europa, no final da Idade Média, em muitas localidades, o álcool era servido no café da manhã e o ciclo das festas determinava sua utilização. Christoph Türcke, filósofo alemão, reconhece o nascimento do que hoje conhecemos como vício na separação do ciclo das festas e do frenesi conseguido com os destilados, antes disso demonstra não haver indícios de sintomas de abstinência nas culturas antigas e mais desenvolvidas, onde as gravuras deixaram registrados momentos da vida local.

A separação desses dois elementos – festa e frenesi - segundo Türcke, gerou uma “epidemia do destilado”, e o consumo se modificou, o teor alcoólico foi aumentado e inaugurou-se uma nova época, onde altos impostos eram cobrados sobre seu comércio e

⁵⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.p. 17.

⁵⁹ FORMIGONI, DUARTE, (Orgs). Op.cit.. p.97

representada pelas crises de abstinência que conduziram ao vício, “a droga [...] começa a representar o vago papel do mais elevado, pois deixa de ser acessório para se tornar algo fundamental, deixa de ser acidente para se transformar em substância, filosoficamente falando.”⁶⁰

Em que pesem referências ocasionais ao consumo de álcool, fumo, psicofármacos e solventes, o efeito de sentido criado é de que só a droga ilegal "é problema". Transmitindo-se a ideia de que existem duas categorias de substâncias, as perigosas (= ilegais) e outras benignas, beneficia-se implicitamente a indústria farmacêutica e o comércio das substâncias lícitas.⁶¹

O discurso assumido pelo governo brasileiro e suas ações no sentido de controlar o uso e abuso de drogas, ao tratar o dependente químico como um doente, é resultado de mudanças nos conhecimentos científicos e não pode ser ignorado numa pesquisa histórica; Porém, a evolução da Legislação sobre drogas permite um olhar que vai além da doença e da questão da arrecadação de impostos, perpassando instituições contemporâneas, como família, cujo bem estar e segurança, são ameaçados pelo tráfico. Tratar de forma diferente o usuário e o traficante se mostra uma necessidade da sociedade contemporânea.

2.3 – Drogas e adolescência

Durante a adolescência a droga faz parte do contexto social; as festas, a inserção em um grupo ou a mera curiosidade pode levar o adolescente a experimentar drogas lícitas ou ilícitas. Alguns fatores como a resistência em admitir o lado negativo das drogas e o preconceito em torno do usuário leva, geralmente ao uso clandestino das mesmas e mascara a realidade por trás do consumo e tráfico de drogas.

No discurso dos especialistas e também entre a equipe da Fundação Frei Antonino Puglisi comumente se observa o cuidado com essa faixa etária, difundir uma imagem negativa da droga para afastar o adolescente da tentação pode resultar em fracasso, pois as sensações sentidas com o uso da droga são classificadas como boas, ao menos num primeiro momento.

⁶⁰ TÜRCKER. op.cit. p. 237.

⁶¹ BUCHER, Richard; OLIVEIRA, Sandra R.M. O discurso do “combate às drogas” e suas ideologias. In: Revista Saúde Pública, 28(2).1994.

Fruto de uma construção cultural recente, a adolescência é vista pelo psicanalista Contardo Calligaris⁶² como objeto de culto adulto, potencial de realização dos projetos e sonhos não realizados pelos pais, argumento de marketing e ao mesmo tempo “fonte de desconfiança e repressão preventiva”, o adolescente está constantemente em busca de reconhecimento. Com o corpo desenvolvido, sentindo-se preparado para as responsabilidades adultas, são colocados em uma espécie de moratória, devendo esperar alguns anos até que possam assumir seu lugar na sociedade.

Aparece assim uma semelhança inédita entre os adultos e essas supostas “crianças” que já têm corpos, gostos, vontades prazeres e alguns deveres muito parecidos com os nossos. [...] A imagem da adolescência feliz nos propõe um espelho para contemplar a satisfação de nossos ávidos desejos, se por algum milagre pudéssemos deixar de lado os deveres e as obrigações básicas que nos constroem [...] procuramos na visão da adolescência o clipe de nossos gozos.⁶³

O adiamento de seus sonhos provoca no adolescente uma reação de rebeldia que pode levá-lo a atitudes bem distintas. Para Calligaris, a própria modernidade agiria como promotora de um ideal de independência que seria frustrado pelas atitudes dos adultos. O adolescente percebe a contradição entre seu ideal de autonomia e a dependência que lhe é imposta. Percebendo as diferenças que determinam o abandono da infância, se torna inseguro e se lança numa aventura de interpretar e muitas vezes contestar o que os adultos esperam dele. Assim justifica-se, segundo Calligaris, a procura de “novas condições sociais, em que sua admissão como cidadão de pleno direito não dependa mais dos adultos”.⁶⁴ Longe dos adultos e incentivados pela presença de seus semelhantes, esses grupos podem ser apenas de amigos, grupos de estilos ou mesmo gangues.

A delinquência é um caminho que pode ser percorrido pelo adolescente, como tentativa de chamar a atenção dos adultos, porém “a repressão punitiva só manifesta ao adolescente que seu gesto não foi entendido como deveria”,⁶⁵ gerando maior rebeldia. Frente à sedução da droga, o adolescente descobre logo uma contradição, percebe que existe separação, mais uma vez, entre o que é permitido ao adulto e aos adolescentes; se o álcool e o cigarro são permitidos aos adultos, sua proibição parte de um princípio de infantilização a

⁶² CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

⁶³ Idem. p. 68-69.

⁶⁴ Ibidem, p. 35.

⁶⁵ Ibidem. p. 42.

que são submetidos os adolescentes. Se a regra é transgredir, as drogas ilícitas se tornam ainda mais atrativas.

Para Calligaris, numa crítica à sociedade consumista, o uso de drogas pelo adolescente pode levar a satisfação dos desejos, levando-os a um estágio de felicidade que geraria angústia para os adultos. Uma característica da modernidade, segundo ele, seria uma inesgotável busca por satisfação, o desejo de ser feliz projetado num objeto que simboliza a sede de reconhecimento social que se manifesta, principalmente, no consumo de bens materiais. A droga encerraria os desejos do drogado, fazendo-o parar essa busca

Por ser ou parecer um objeto que satisfaz de vez, um bem em si, a droga é uma ameaça muito especial. Ela quebra a regra moderna de funcionamento do desejo. O drogado para de deslizar de um objeto a outro, da roupa ao carro, ao parceiro bonito – todas metáforas no caminho de um status social que nem a totalidade dos objetos poderia produzir.⁶⁶

Para Calligaris o uso da droga seria o objeto final de desejo, mesmo que um prazer momentâneo, porém, não podemos ignorar o processo de destruição dos sonhos e ideais provocados pela dependência química. Uma discussão sobre adolescência pode ser encerrada com a idealização da droga como objeto de desejo, mas a questão da saúde mental ameaçada a partir do uso e abuso da droga, não se encerra no adolescente, perpassa a linha de divisão das faixas etárias, como supera também a divisão de classes, defendida por Marx.

Atinge cada vez mais crianças, mas não está afastada da juventude e da idade adulta, pode ser percebida tanto entre os mais pobres quanto nas classes mais abastadas. A diferença está apenas no acesso, enquanto o pobre recorre ao roubo para alimentar seu vício, os ricos a compram através de seus próprios recursos.

O filme “Meu nome não é Johny”⁶⁷, estrelado por Selton Mello em 2008, baseado na história real de João Guilherme Estrella, retrata o mundo do usuário de drogas de família classe média alta na sociedade carioca: viver intensamente leva o jovem ao ingresso no mundo das drogas e do tráfico, tornando-se uma espécie de rei do tráfico dos anos 1980 e 1990, sem jamais ter pisado em uma favela.

Johny promove festas e se arrisca em nome de grandes emoções, tendo sua vida alterada apenas quando é preso e colocado no banco dos réus. A vida de Johny tem um final

⁶⁶ CALLIGARIS. op.cit. p. 47.

⁶⁷ **Meu Nome Não é Johny**. Direção: Mauro Lima. Produção: Mariza Leão e Guel Arraes. Brasil: Sony Pictures, Globo Filmes, 2008. DVD (107 min). color. Baseado no filme homônimo de Guilherme Fiúza.

feliz e por vezes distante da realidade do dependente químico: julgado, João Estrella toma a decisão de mudar de vida e deixar o mundo das drogas e do crime e recomeça sua vida.

Para muitos não há uma segunda chance, o uso de drogas significa a dependência permanente e a destruição dos padrões de vida da própria pessoa e de sua família. Se a motivação inicial foi curiosidade, rebeldia adolescente, admissão em determinado grupo, fuga de problemas, não importa. O dependente que chega até a Fundação em busca de tratamento ou sabe que alcançou o “fundo do poço” ou foi levado por familiares em busca de esperança e da tranquilidade que perderam em meio aos problemas criados para alimentar seu vício.

2.4 – Família e comunidade – os limites de ação no combate às drogas

Importante no processo de tratamento, a família pode ser a ajuda mais efetiva para a recuperação do dependente químico. Neste universo de representações possíveis no mundo moderno, onde, uma representação social “*é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social*”;⁶⁸ algumas instituições se tornaram modelos de segurança e proteção com significados próprios e sensações que dependem muito da construção histórica recebida.

Sem nenhuma intenção de generalizar a realidade múltipla existente dentro da sociedade, consideramos aqui a construção familiar numa sociedade marcada pela tradição, as construções em favor de uma vida privada que favorece as relações familiares, mas que não estão isentas de conflitos e transformações em seu interior. Conceituar termos como burguesia e definir classes sociais não é tarefa fácil no contexto da sociedade brasileira do século XXI, porém tomaremos como base nesta análise, pontos de desenvolvimento do universo familiar pontuados por Michele Perrot⁶⁹.

Para Michele Perrot, a Revolução Francesa marca e subverte a fronteira entre o público e o privado, remodela o cotidiano através de uma reorganização do espaço, tempo e memória, onde os costumes são mais fortes que a lei.⁷⁰ Nesse processo a família recebe um

⁶⁸ JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001.p.22.

⁶⁹ PERROT, Michele. “A família triunfante”. In: **História da vida Privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁷⁰ Idem. p. 93.

importante papel e passa a ser vista pelo pensamento político como célula base da sociedade, tornando-se objeto de um tríplice interesse: em primeiro lugar religioso, buscando o respeito à família, depois político, pontuado pelo combate direto ao divórcio e finalmente ideológico, com a moralização da sociedade em pontos como a defesa da virgindade.⁷¹ A família é responsável pelos interesses privados, cabendo-lhe funções como o funcionamento econômico e a transmissão dos patrimônios. É ela que deve zelar pelas crianças produzidas em seu seio, garantindo saúde e pureza: “É criadora da cidadania e da civilidade. A boa família é o fundamento do Estado.”⁷²

A partir do século XIX a figura da criança passa por transformações, a adolescência, ignorada antes pelas sociedades tradicionais, torna-se um período de promessas e riscos.⁷³ A educação é responsabilidade dividida pela família, especialmente pela mãe num primeiro momento e depois assumida pelo Estado. Nas escolas, onde cada vez mais as crianças são isentas de castigos, as palmatórias são abolidas, busca-se alcançar a alma da criança⁷⁴. A virilidade a ser domada e apreendida faz parte de um jogo de representações onde a família e a sociedade ajudam a tornar o filho um homem. Objeto de amor, sua presença passa a ser valorizada e sua morte a ser chorada pela família, pois nele está o futuro, a continuidade de uma vida, do nome dessa família.

As famílias assumem configurações distintas na atualidade e a figura do pai, chefe de família, que substituiu a imagem do rei do Antigo Regime⁷⁵ também passa por sérias transformações durante a Idade Moderna. Na atualidade a mulher toma sobre si a responsabilidade de gerir o lar e assume as consequências de sua luta por igualdade. Os domicílios, muitas vezes utilizados como sinônimo de família, já não apresentam padrões congelados. Se a análise de Michele Perrot já admite uma certa divergência entre a sociedade urbana e rural, a diferença observada na atualidade pode ser mais acentuada, assumindo novas estruturas. Porém, independente da sua configuração atual, a família ainda é uma representação de segurança e responsabilidade.

Consideramos concordar com Z. Bauman no tocante à significação de algumas palavras, a construção linguística em torno de elementos que passam a carregar consigo sua qualificação. Assim ninguém ouve falar de assassinato e não apreende imediatamente seu

⁷¹ PERROT. “A família triunfante”. In: **História da vida Privada**, 4. op.cit.p. 98

⁷² PERROT. “Funções da Família”. In: **História da vida Privada**, 4, op.cit, .p. 105.

⁷³ PERROT. “Figuras e Papéis”. In: **História da vida Privada** 4, op.cit, p. 162.

⁷⁴ Idem. p. 158

⁷⁵ Ibidem. p.121.

significado negativo, também não ouve palavras como família, comunidade, solidariedade sem que um sentimento de calma e segurança lhe seja associada.

Na construção moderna, independente de sua associação com a religião, a comunidade carrega em si um sinal de pertença, proteção, aconchego e conforto. Dentro de uma comunidade há confiança e lealdade incondicional. Ao menos essa é a construção idealizada, buscada pelo ser humano. No processo real ao buscar o conforto de uma comunidade abre-se mão da liberdade, da autonomia.

A promoção da segurança sempre requer o sacrifício da liberdade, enquanto esta só pode ser ampliada à custa da segurança. Mas segurança sem liberdade equivale à escravidão (e além disso, sem uma injeção de liberdade, acaba por ser um tipo muito inseguro de segurança); e a liberdade sem segurança equivale a estar perdido e abandonado.⁷⁶

Numa comunidade há engajamento, uma interdependência que une as pessoas em uma função comum, podendo ser para o bem ou para o mal. Na família, ou na sua representação domiciliar, revela-se o dever dos pais de guiar e restringir, manter sob vigilância constante os filhos, numa alusão ao mesmo sistema panóptico de Bentham.

Em busca de uma sociedade ideal, família ideal, comunidade ideal, o século XXI tem se mostrado um tempo de construir muralhas e se fechar nelas, mas a sensação de segurança inexistente. Não há segurança no trabalho, na moradia, “o lugar pode estar fisicamente cheio, [...] nada nele permanece o mesmo durante muito tempo, e nada dura o suficiente para ser absorvido, tornar-se familiar,”⁷⁷ dentro de casa como nas ruas nada se mostra sólido.

Dentro de uma comunidade, o sistema panóptico foi substituído por uma insegurança constante, a modernidade trouxe em seu seio a incerteza sobre o futuro, uma opressiva sensação de incapacidade de gerar e seguir planos. Nesse contexto, liberdade e comunidade podem se chocar, mas as duas parecem ainda ser condições essenciais para uma vida tranquila.

De fato, não há estruturas firmes, nem origens de classe que não possam ser deixadas para trás, nem passado que não possa ser jogado fora, [...] vivemos num tempo e espaço onde a globalização parece não impedir ninguém de ser igual a outros, mas também não o impede de ser diferente, identidade é escolha própria e deve ser respeitada no mundo acolhido, maleável e informe da elite global dos negócios e da indústria cultural, em

⁷⁶ BAUMAN. op.cit, p.24.

⁷⁷ Idem, p. 46.

que tudo pode ser feito e refeito e nada vira sólido, não há lugar para realidades obstinadas e duras como a pobreza.⁷⁸

Numa relação de interdependência criada pela sociedade, espera-se que a comunidade seja o apoio e a proteção que a família não consegue mais oferecer a seus membros. E quando o assunto é uso e abuso de drogas, procura-se na comunidade e na sociedade em geral, a base sólida para reintegrar o dependente e livrá-lo daquilo que incomoda familiares e sociedade.

O que justifica que a cada ano o Governo Federal invista em cursos de extensão, oferecidos por Universidades de várias partes do país, para lideranças comunitárias e instituições religiosas, visando a preparação dessas lideranças para diagnosticar e lidar com a problemática da droga nas comunidades onde vivem. Os cursos são oferecidos na modalidade de ensino à distancia (EAD) e possibilitam numa primeira análise que o Governo ao menos divida a responsabilidade da prevenção com a sociedade civil.

Da participação da sociedade civil no sistema político de democracia existente no Brasil, podemos perceber importantes contribuições para a reavaliação da Legislação Nacional sobre Drogas.

2.5 – Legislação Brasileira: atuação conjunta entre o governo e a família

Pesquisas realizadas pelo governo sobre o uso e abuso de drogas, envolvendo também substâncias permitidas como álcool e cigarros, revelam dados importantes.⁷⁹ A proporção de dependência é algo considerável, pois enquanto dos 74,6% de entrevistados que já haviam experimentado o álcool, 12,3% foram considerados dependentes, entre os 8,8% que experimentaram maconha 1,2% foram considerados dependentes. O que justificaria desde o início da política nacional anti-drogas, medidas socioeducativas que englobassem também as drogas lícitas.

Porém a legislação brasileira buscou suas diretrizes numa proibição transnacional baseada no imperialismo do início do século XX, discussões internacionais lideradas pelos

⁷⁸ BAUMAN, op.cit. p. 58-59.

⁷⁹ Dados do II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, realizado em 2005, nas 108 maiores cidades do país, quando foram entrevistados cerca de oito mil brasileiros, revelaram que a proporção do uso recente de drogas era de 38,3% de bebidas alcoólicas e 18,4% de cigarros contra 1,9 % de maconha e 0,1% de crack.

Estados Unidos da América incluíam forças políticas, econômicas e culturais e foram objeto de discussão nas áreas de criminologia crítica, economia política e direitos humanos.⁸⁰

Durante a Guerra Fria (1947 a 1989) três convenções internacionais determinaram as políticas sobre o controle das drogas: em 1961 a Convenção Única sobre Entorpecentes; em 1971 a Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas e em 1988 a Convenção das Nações Unidas contra o Tráfico Ilícito de Entorpecentes e Substâncias Psicotrópicas. Essas convenções são resultado de uma política de proibição militarizada dos Estados Unidos, apoiada e assumida pela ONU (Organização das Nações Unidas). O Brasil passa a redefinir suas políticas internas sobre drogas a partir dos anos 2000.

Em 1999, foi realizado um levantamento no país para obter um diagnóstico da situação das escolas brasileiras em relação a prevenção de DST/AIDS e do Uso Indevido de Drogas; esse levantamento foi ponto de partida para a elaboração de programas educacionais e de mudanças na Política Nacional sobre Drogas, determinando importante papel para os Conselhos Municipais de Educação.

A Política Nacional Sobre Drogas (2005) insere uma ideia preconizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)⁸¹ onde aparece a responsabilidade compartilhada, uma ideia de dever partilhado pela família e Estado com o “objetivo de incluir a sociedade no processo de formulação e de implementação da política de educação”, atendendo ao estipulado anteriormente pela Política de Proteção Integral da Criança e do Adolescente previsto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente: ECA (Lei 8.069/1990) que já previa atitudes e legislação para prevenção ao uso indevido de álcool e outras drogas. A ideia defendida pela LDB é de que a prevenção é uma forma mais racional e menos onerosa de atuação tanto para o Estado quanto para sociedade⁸².

Todas as transformações sofridas nesse processo são frutos de mudanças da própria sociedade e devem ser consideradas as distorções e preconceitos vigentes. A separação entre pobres e ricos e a percepção da sociedade de que o pobre carrega em si a marginalização em potencial parece ter determinado durante muito tempo uma ação coerciva por parte do Governo e da Polícia em relação ao usuário de drogas. A responsabilidade pelo usuário era atribuída apenas à família, como se a situação de vida tornasse a família pobre incompetente para educar seus filhos.

⁸⁰ BUCHER, Richard; OLIVEIRA, Sandra R. M.. O discurso do combate às drogas e suas ideologias. In: **Revista Saúde Pública**, São Paulo, n. , p.137-145, 28 fev. 1994..

⁸¹ Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – alterada pela Lei 10.639, de 09/01/2003 e outras legislações.

⁸² Brasil, Presidência da República. **Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias**. Op.cit.

A grande mudança refere-se à passagem de uma abordagem orientada pela sanção, tendo como foco aqueles em situação social irregular, para ações voltadas à proteção, objetivando atingir todas as crianças e adolescentes, inclusive, aqueles em situação de risco pelo envolvimento com drogas e violência.⁸³

A ECA mudou o enfoque jurídico, determinando direitos e garantias das crianças e adolescentes, considerando-os como seres humanos em desenvolvimento, dignos de proteção tanto pela família quanto pela sociedade e Estado. A responsabilidade compartilhada.

A Legislação atual propõe uma mudança de paradigma na abordagem de usuários e dependentes, penas alternativas e tratamento médico gratuito não compulsório para aqueles que são detidos portando substâncias para uso próprio. Outrora tratados como bandidos, agora são vistos como necessitados de orientação e ajuda. Mas como toda mudança precisa de um período de adaptação, ainda é possível perceber atitudes de preconceito e discriminação por parte da sociedade. O usuário ainda é visto como criminoso, desajustado e delinquente, embora a orientação da Organização Mundial de Saúde (OMS), assumida pela legislação brasileira, seja para considerar o dependente como doente.

Nas notícias de violências e morte veiculadas em jornais regionais pode-se perceber a imagem de uma juventude vítima de agressões e perda nesse universo de consumo de drogas, mas apresentados como bandidos: os assassinatos são apresentados, muitas vezes, como relacionados a acertos de conta entre usuários e traficantes ou desacertos entre usuários, sendo prática comum das reportagens apresentarem as folhas corridas das vítimas, como a justificar que a sociedade não perdeu muito com a morte de um usuário.

Entre as ações do governo, na expectativa de mudar o quadro, estão: a tentativa de valorização da juventude que pode ser resumida pelo “Pacto da Paz”, que visa o enfrentamento da violência, da qual crianças e adolescentes são as maiores vítimas; a criação do Sistema de Atendimento Socioeducativo (SINASE) que traça diretrizes e ações objetivas de atendimento ao adolescente em conflito com a lei; o estatuto da Juventude de 2004; a criação simultânea, em 2005, da Secretaria Nacional da Juventude, do Conselho Nacional da Juventude e do Pro-Jovem que integra escolaridade, profissionalização e cidadania.

⁸³ Brasil, Presidência da República. **Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias**. Op.cit.p.260.

Não faz sentido políticas de erradicação de doenças infantis como a poliomielite e tantas viroses, quando se permite que jovens morram vítimas de traficantes ou de outras violências provocadas pela doença da dependência. Ou que faltem trabalho, educação e tratamento adequado a todos.

Diante de um discurso de ampliação de diálogo internacional, o Brasil se insere na Organização Iberoamericana de Juventude⁸⁴ e tenta unir sociedade e comunidade em ações objetivas na problemática relativa à infância, adolescência e juventude, salientando que a comunidade tem papel fundamental, devendo dispor seus recursos para ativar uma rede de apoio nas diferentes esferas comunitárias.

As atitudes do governo, com o desenvolvimento de toda essa rede de proteção à criança e ao jovem, sugerem que o maior problema estaria no tráfico ilegal das drogas, mas o consumo de drogas lícitas no país é alarmante e pouca ação é desempenhada pelo governo no sentido de controlá-lo. As drogas vendidas nas farmácias e drogarias estão sobre a proteção da legislação, mas a apresentação de receita médica é dispensada em grande número de casos. Alguns medicamentos são comprados em estabelecimentos de comércio como bares e supermercados, e seu consumo incentivado pela exposição dos mesmos em prateleiras de farmácias num sistema de self-service. Embora haja facilidade na aquisição dessas substâncias, o governo lança campanhas de conscientização onde é ressaltada a necessidade de procurar um médico, *caso os sintomas persistam*⁸⁵, cumpre assim seu papel social, ao menos para os que veem as propagandas. Efetivamente, pouco é feito para controlar esse consumo indevido.

Quando o assunto são drogas ilícitas, porém, a legislação não apenas conscientiza como tenta punir os envolvidos. O uso de algumas substâncias como maconha, cocaína, LSD é altamente coibida pelo governo. Embora o esforço seja reconhecido, é cada vez maior o número de pessoas envolvidas. A idade de iniciação tem regredido, sendo comum algumas crianças terem contato com as drogas ainda no ensino fundamental.

Ao visar as coerções institucionais que marcam tal produção discursiva, levantaram-se questões vinculadas ao poder institucional, às práticas repressivas, punitivas e assistenciais em saúde mental, aos jogos de interesses políticos e econômicos no comércio de drogas lícitas (além das

⁸⁴ Brasil, Presidência da República. **Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias**. op.cit., p. 271.

⁸⁵ Grifos meus.

ilícitas), ao papel do profissional nas áreas de saúde, educação, ação social, justiça e pesquisa científica.⁸⁶

Diretamente envolvida na situação, a família assume a responsabilidade pelo dependente e muitas vezes a culpa por uma problemática que foge a seu controle; incapaz de resolver o problema sente desintegrar-se a estrutura que deveria representar segurança e proteção. Mas não consegue cruzar os braços, suas lutas tem resultado em ações de reivindicação e projetos que vão desde a criação de clínicas de recuperação do dependente químico a mudanças na legislação nacional sobre drogas.

Sofrendo as dores de ser co-dependente das drogas usadas pelo dependente químico, tendo seus bens ameaçados pela crescente necessidade de consumo que leva o dependente a roubar e marginalizar-se para comprar drogas, participando da co-morbidade de seus membros, a família tem buscado socorro nas comunidades religiosas onde participa, levando à criação de instituições como a Fundação Frei Antonino Puglisi, objeto dessa pesquisa.

No meu caso⁸⁷, particularmente, foi a minha **esposa** quem obteve informações de como proceder para que pudesse internar-me. E essas informações surgiram, naturalmente, a partir do momento em que ela desabafou, no então **Conselho Municipal de Entorpecentes-COMEN**, os momentos angustiantes que passava em minha companhia e em decorrência do uso abusivo que eu fazia do álcool e outras drogas. Ela foi totalmente honesta em suas declarações àquele Órgão e obteve, por conseqüência, uma pronta receptividade de uma assistente social que indicou-nos, então, a Fundação Giuseppina Saitta (hoje, Fundação Frei Antonino Puglisi), para darmos início ao tratamento de reabilitação. Eu, da dependência química e ela, minha esposa, da co-dependência química. Corria o ano de 1996 e, até então, “dependência química” era uma expressão quase que totalmente desconhecida pela maioria das pessoas. “Alcoólatra” e “drogado”, eram os termos usados, comumente, para rotular as pessoas que tinham problemas relacionados com aquelas substâncias químicas alteradoras do humor. Àquela época, portanto, eram poucas as Comunidades Terapêuticas em Uberlândia (e no Brasil), especializadas e reconhecidas pela Prefeitura Municipal como aptas a oferecerem um tratamento adequado aos portadores daquela doença. Interessante observar que as existentes naquela época, ano de 1.996, eram todas administradas por igrejas católicas e evangélicas. Somente alguns anos depois, a Dependência Química começou a despertar um interesse maior de profissionais da saúde mental e o que motivou a abertura de clínicas particulares em nosso município e a exemplo do que

⁸⁶ BUCHER, OLIVEIRA. op.cit., p.3.

⁸⁷ Gustavo Hoffay é dependente químico recuperado pela Fundação Giuseppina Saitta. Após sua recuperação buscou formação em cursos oferecidos pelo Governo e por Instituições não governamentais e passou a proferir palestras sobre prevenção e tratamento da dependência química, também exerceu os cargos de monitor, gerente de campo e gerente-geral na Fundação. Atualmente é presidente do Conselho Deliberativo. O trecho citado faz parte de sua resposta à pergunta “como aconteceu o seu primeiro contato com a Fundação Frei Antonino Puglisi?”, durante a pesquisa de campo realizada para esse trabalho monográfico. Vale ressaltar que sua autorização para a utilização dos artigos e depoimentos, possibilitou a utilização de uma história que ilustra o êxito do tratamento oferecido, mas que não é única. Na sede da Fundação e CT, vários dependentes recuperados exercem funções voluntárias e oferecem sua contribuição para possibilitar que outros tenham a mesma oportunidade de recuperação.

ocorreu em todo o Brasil [...] faz vir à tona uma grande e fundamental evidência para um proficuo trabalho de reabilitação desde o submundo das drogas: a real participação da família em todo o processo, a partir do momento em que ela própria é conscientizada da importância da sua interatividade com tudo o que lhe é proposto pelos profissionais da área da saúde mental

Numa época onde as comunidades mais conhecidas são as virtuais, das redes sociais da Internet, que permitem o conhecimento quase simultâneo de fatos ocorridos do outro lado do mundo, mas que afastam as pessoas que moram dentro do mesmo domicílio, a comunidade religiosa procura ser um elo entre o divino e o humano, lutando pela realização do reino de Deus, apresentando-se como responsável pela garantia da dignidade humana. Sobre essa Igreja e sobre sua Doutrina Social trataremos no capítulo seguinte, buscando uma reflexão sobre a atuação da Fundação Frei Antonino Puglisi no tratamento da dependência química em Uberlândia e procurando as razões que levam ao trabalho voluntário naquela instituição.

A participação em um projeto social como esse transcende a simples busca de suprir carências. A vivência em comunidade, seja para o dependente em tratamento ou para seus familiares, pode ampliar a visão de mundo, gerando mais conhecimento, possibilitando realmente o exercício da cidadania e a transformação social. Baseados em um ideal de cooperação favorecido pela ligação religiosa um novo horizonte desponta na responsabilidade partilhada durante o tratamento.

Capítulo 3 – Doutrina Social da Igreja Católica

3.1 – Valores Evangélicos x sociedade moderna

Para a Igreja Católica Apostólica Romana, Jesus não é simples personagem histórico que possa ser explicado isoladamente pela razão humana, é uma pessoa viva, e por isso só entendida a partir de um encontro pessoal. Da mesma forma que, num ato de fé o discípulo Pedro⁸⁸ o reconhece como o Cristo de Deus, apenas quem se dispõe a realizar a experiência do ressuscitado entende quem realmente é Jesus: O Messias, o Ungido de Deus, capaz do sacrifício extremo de se entregar na cruz para a redenção da humanidade. Segunda pessoa da Trindade, Jesus é exaltado pela ressurreição após a morte de cruz⁸⁹. Seu seguimento exige uma conversão pessoal que muda radicalmente a existência de seus seguidores.

Anunciado pelos profetas ao povo de Israel, esperado por gerações incontáveis, judeu de nascimento, da descendência de Davi, Jesus inaugura um novo tempo. Pregando a boa nova do reino de um Deus amoroso e presente, denunciando as injustiças, contrapondo-se com os legalistas da religião vigente.

Seu nascimento, segundo Francisco de Assis, mostra a pequenez que marcará todo o seu projeto para a humanidade. A imagem do presépio, divulgada por São Francisco⁹⁰ demonstra a especificidade do reino anunciado por Jesus: não um reino de conquistas e exuberância, mas, um reino de paz e justiça. Passando ele próprio por um processo de conversão, Francisco deixa o luxo em que vivia e assume uma vida de pobreza e profunda obediência aos princípios evangélicos. Sua história atravessou os limites da religião e sem ter deixado a Igreja, se tornou um de seus maiores reformadores.⁹¹

Quando a Igreja Católica não se manteve fiel aos valores evangélicos e o poder fez parte da estrutura da Igreja, episódios como a Inquisição e a Guerra Santa foram justificados pela fé e pela missão de evangelizar. Impor a fé católica aos povos conquistados se tornou

⁸⁸ Evangelho de Marcos. In: **Bíblia Sagrada**.op.cit.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Segundo a tradição, Francisco de Assis preparou a primeira representação visualizada, teatralizada e celebrada de um presépio no ano de 1223, num bosque próximo de Greccio, na Úmbria, região italiana. Nos presépios temos a harmonia das diferenças. O mundo do divino encontra-se com o mundo do humano. A grandeza, a onipotência de um Deus revela-se na fragilidade de uma criança. disponível em:<http://www.franciscanos.org.br/v3/vidacrista/especiais/2008/preseprio_122008/mensagemfranciscana.php> acesso em 02 out 2011.

⁹¹ CECHINATO, Luiz. **Os vinte séculos de caminhada da Igreja: principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II**. Petrópolis: Vozes, 1996.

parte do processo de colonização. Tal fato enfrentava a oposição dos povos nativos e dos escravizados, que acabaram incorporando ao culto católico elementos das religiões de origem. Assim, no Brasil, os cultos afros sempre foram uma forma de resistência dos povos escravizados que muitas vezes tiveram que mascarar sua fé, incorporando ao seu culto elementos da fé católica⁹². Ainda hoje seus cultos são vistos com preconceito pela própria Igreja que prefere ver como superstição a cultura difundida pelos povos africanos e seus descendentes.⁹³

Na história da sociedade brasileira, desde a colonização, o papel da Igreja se misturou ao Governo. Participando ativamente no processo de cristianização dos nativos, religiosos de várias congregações católicas participaram do início dos povoamentos.

Com os princípios sociais do Iluminismo e o esforço da sociedade letrada em modernizar a sociedade nacional, a Igreja perdeu parte de sua força e os valores católicos de moral começaram a cair em desuso. A partir de 1930 houve um esforço da hierarquia da Igreja para reafirmar os princípios da religião católica na organização social, através de um projeto de ressacralização da sociedade⁹⁴. Esse projeto tinha como objetivo retornar ao privilégio da Igreja, perdido quando da instituição do Estado laico do governo republicano. Buscava-se centralizar no país os princípios romanos, a partir de um projeto pastoral criado pela hierarquia da Igreja, que pretendia transformar o Estado republicano num Estado religioso.

Na mentalidade eclesiástica, os verdadeiros valores do mundo eram aqueles que traziam a conotação espiritual, sobrenatural, religiosa. Simultaneamente, os aspectos materiais e concretos da existência humana eram considerados de somenos importância, e, por vezes, até prejudiciais, quando apreciados em demasia: esses aspectos são considerados pejorativamente como “profanos”.⁹⁵

O projeto eclesiástico visava assegurar que a doutrina católica se tornasse fonte moral exclusiva para o brasileiro. Ao lado dessa tentativa se desenvolvia também um esforço para desqualificar outras crenças religiosas em especial os cultos de origem afro-indígena, considerados como fontes de ignorância e superstição. Profundamente ligado ao Estado, Igreja e poder se misturavam no Brasil. Uma prova da influência da Igreja foi o

⁹² AZZI, op.cit., p. 84.

⁹³ CECHINATO. Op.cit., p. 418.

⁹⁴ AZZI. Op.cit., p. 9.

⁹⁵ Idem, p. 13.

reconhecimento da cidadania que se tornou um privilégio da fé católica durante várias décadas.

Entre os mecanismos utilizados então pela Igreja, alguns se tornaram importantes para afirmar a sacralização da sociedade. A comunicação verbal foi valorizada tanto nas conferências, sermões e orientação espiritual quanto na utilização da imprensa através de livros, folhetos e revistas. Tentava-se levar a doutrina católica para todos os brasileiros, independente de faixa etária ou escolaridade. Esse movimento para a Igreja significou enraizar suas ações não apenas na essência religiosa, como afirmava sua hierarquia, mas também na história social, política, econômica e cultural brasileira, ação sentida principalmente na área da beneficência social, pois,

o amparo aos necessitados faz parte de uma longa tradição brasileira, introduzida desde a formação da sociedade colonial, através das santas casas de misericórdia. Segundo a mentalidade dominante, certas pessoas, por razão de debilidade física ou mental, por idade avançada ou pobreza extrema eram totalmente inúteis ao organismo social. Sua existência devia ser preservada apenas por razões de natureza religiosa, em cumprimento do dever cristão da prática caritativa. Não havia qualquer reflexão sobre o caráter excludente da própria sociedade luso-brasileira, marcadamente patriarcal, latifundiária e escravocrata.⁹⁶

O século XIX não apresentou consideráveis modificações nesta situação. A burguesia emergente continuou a deixar o amparo aos necessitados e marginalizados por conta de instituições cristãs. Ao longo do tempo associações leigas e institutos religiosos assumem a função social, cuidando de toda a humanidade que fora colocada à margem da sociedade e ignorada pelo sistema.⁹⁷

A modernidade trouxe ao país novos horizontes, houve progresso nas áreas de educação e saúde; a valorização da medicina teve o apoio da Igreja que contribuía com a administração de estabelecimentos públicos, além de manter uma rede particular de assistência hospitalar e social. Tal parceria mostrou-se benéfica para a Igreja, uma vez que, favorecia um discurso de salvação baseado ainda no ideal de sacrifício e de culto ao sofrimento desenvolvido desde a Idade Média. Presente nos hospitais e assistindo os pobres, a Igreja tinha a oportunidade de catequizar e salvar as almas.

Influenciada pelos conceitos da modernidade, diz Azzi, a Igreja modificou, então, seu sistema de amparo aos necessitados, tentando aplicar medidas mais racionais, baseados

⁹⁶ AZZI op.cit., p.20

⁹⁷ Idem, p. 20.

em medidas de prevenção. Cresceram no país as Escolas de Serviço Social, mas, embora a dedicação aos pobres fosse grande não havia uma consciência crítica em relação à realidade brasileira. Entre religiosos de diversas congregações perseverava o desenvolvimento de um papel ideológico que muitas vezes reforçava e colaborava na manutenção da ordem desejada pela burguesia nacional.

O passar das décadas presenciou o declínio desses projetos, o processo de urbanização acelerado pelo governo Vargas afastou a Igreja do seu ideal de controle da moralidade. De acordo com Azzi, a partir de 1950 a Igreja deixou as reclamações de que a urbanização favorecia a perversão moral e uma ala progressista voltou seu olhar, definitivamente, para os problemas sociais, em especial os criados pela migração para os centros urbanos.

Nos dias atuais assistimos ao crescimento e a ênfase consciente de culturas e etnias organizadas⁹⁸ em grupos que refletem em ações sociais e políticas suas reivindicações. Assistimos também a uma profusão de religiões e seitas que tentam de toda forma conquistar o crente. Vivemos a consciência de uma mundialização⁹⁹, somos vizinhos e contemporâneos de todos, comungamos um destino comum demonstrado pelo desafio ecológico, pelas desigualdades sociais que geram violência, pela interdependência econômica e a constante ameaça de guerra. A esta realidade, devido aos processos internos e hierárquicos, nem sempre a Igreja consegue se adaptar.

3.2 – O Concílio Vaticano II: novos papéis sociais para a família e o indivíduo

Um novo movimento se faz sentir no interior da Igreja a partir de 1950. Fiel ao contexto sociocultural, a Igreja Católica quer ser sacramento da salvação de Jesus Cristo, quer vencer os desafios da atualidade, sendo promotora da paz e da construção do Reino anunciado por Jesus. Entretanto em nenhum momento a Igreja se mostrou mais aberta ao diálogo com a sociedade leiga que durante o Concílio Vaticano II. Em nenhum momento a Igreja definiu tão bem a necessidade de retomar os valores evangélicos em favor do ser humano como neste concílio.

⁹⁸ BAUMAN. Op.cit., p.82-99.

⁹⁹ O termo aqui é utilizado representando a proximidade entre culturas diferentes.

A participação do episcopado brasileiro no Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII¹⁰⁰ determinou novos rumos à Igreja no Brasil. Convocado em 25 de dezembro de 1961, o Concílio foi realizado em quatro seções e encerrado em 4 de dezembro de 1965 sob o papado de Paulo VI.

No Concílio Vaticano II estiveram representados, pela primeira vez, todas as Igrejas locais, com suas culturas, etnias, problemas e desafios variados. De cunho ecumênico, o Concílio propunha um diálogo entre cristãos de diferentes denominações e igrejas. Buscava tratar as dimensões da Igreja sob quatro objetivos específicos,

Em primeiro lugar, apresentar uma noção clara da Igreja, sua autocompreensão. Em segundo lugar, tratar da renovação da Igreja, chamada por João XXIII de *aggiornamento*. Em terceiro lugar, procurar a restauração da unidade dos cristãos, não como simples volta a um rebanho, mas como busca da plena catolicidade na diversidade de liturgias, de tradições, de espiritualidades e carismas. Finalmente, tratar da presença da Igreja no mundo. O Concílio, de fato, procurou estender uma ponte entre a Igreja e o mundo moderno.¹⁰¹

O concílio não propõe novos dogmas, mas a reformulação da fé em linguagem compreensível para o fiel, seguindo uma linha histórico-salvífica, *“a Igreja como criação do Pai através da obra redentora do Filho, no Espírito Santo. A Igreja, ao mesmo tempo, como fruto da salvação e como comunidade de graça e salvação”*.¹⁰²

Da reflexão dos bispos do mundo todo surgem vários documentos que irão nortear as ações da Igreja, entre eles a *“Lumen Gentium”*¹⁰³ (Luz das Nações). Em relação com o mundo, entendido na totalidade da criação, da qual faz parte a humanidade e por apresentar esse mundo humano, nele contidos a família, o trabalho, a política, a ciência, a técnica, a cultura. Estando no mundo a Igreja é sacramento universal de salvação, mas é feita de

¹⁰⁰ Ângelo Giuseppe Roncalli nasceu numa comuna chamada Sotto il Monte, na Itália, no dia 25 de novembro de 1881. Sua trajetória na Igreja se deu em meio a vários problemas eclesiais e políticos e adversidades no âmbito pessoal, que, no entanto, não impossibilitaram seu envolvimento e preocupação para com a sociedade. Como pontífice, suas ações procuraram adequar as diretrizes da Igreja Católica às novas circunstâncias materiais e espirituais do chamado modernismo, atento às transformações das diferentes sociedades sob a influência do Marxismo. O Papa João XXIII, teve uma trajetória curta, apenas quatro anos e meio, sua maior contribuição, a convocação do Concílio Vaticano II, deixou profundas mudanças nas diretrizes canônicas na segunda metade do século XX, *“Expressando preocupações pelos ‘problemas’ e ‘angústias do mundo’, Roncalli perguntava-se o que deveria ser feito pela Igreja”*.

MARGOLINER, Jonnathan M. **A Encíclica Mater et Magistra (1961) como leitura de uma época: O Século XX e as Questões Sociais**. Uberlândia: UFU, 2009, 77p. Monografia apresentada ao curso de História UFU para obtenção do grau de bacharel.

¹⁰¹ SANTOS, Benedito Beni dos. **Discípulos e missionários: reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade**. São Paulo: Paulus, 2006.p. 9.

¹⁰² Idem, p. 10

¹⁰³ **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2001.p.101-194.

realidades terrestres, assim não apenas chama o mundo à conversão, como sente também necessidade de conversão.

Outro importante documento originado do Concílio é a *Gaudium et Spes*¹⁰⁴ (GS) que forma um todo com a *Lumen Gentium*. É o documento mais longo do Vaticano II, mostra claramente que o caminho da Igreja passa pelo ser humano, documentos da Igreja o tratam como a base antropológica da eclesiologia conciliar. A Igreja é em certo sentido, continuação da encarnação, sendo a revelação de Deus é, ao mesmo tempo, a revelação do homem. Com seu mistério pascal, Jesus demonstrou ainda que a condição do ser humano não é a morte, mas a ressurreição sendo o homem portador de dignidade, com vocação divina. Ao assumir a humanidade, o Filho se torna solidário ao homem, santifica as relações humanas. Assim a Igreja com a *Gaudium et Spes* dá mais um passo qualitativo na compreensão de sua missão, se coloca a serviço de todos os seres humanos.

A evangelização é a razão da existência da Igreja. A proximidade dos pobres, dos doentes, dos pecadores e indefesos, a pregação de Jesus e os sinais messiânicos são também conteúdos evangélicos. A evangelização envolve a solidariedade, a libertação, a justiça e a paz. Deve envolver os três eixos da existência humana: indivíduo, comunidade e sociedade.¹⁰⁵

Sendo esse elo entre o ser humano e a Igreja, garantir a salvação dos indivíduos que se desviam do caminho se torna missão da Igreja, justificando nos ensinamentos do próprio Cristo a ação da Igreja em prol do injustiçado e do marginalizado.

Já na introdução da GS¹⁰⁶ vários pontos sobre a condição do homem no mundo atual são tratados, propondo uma interpretação dos fatos à luz do Evangelho. O documento fala de esperanças e temores, evolução da ciência e da técnica e sobre as mudanças sociais, considera deplorável a pobreza mundial e a ameaça de guerra nuclear, estabelece o conceito de uma sociedade baseada na justiça e na subsidiariedade, onde os cristãos são responsáveis pela construção de um mundo mais justo, pacífico e fraterno.

¹⁰⁴ “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história”. Documentos do Vaticano. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html acesso em 03 nov 2011

¹⁰⁵ SANTOS, Benedito Beni dos. **Discípulos e missionários: reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade**. São Paulo: Paulus, 2006, p. 77.

¹⁰⁶ **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. op.cit., p. 539-674

Centrando-se no ser humano e nas complexas redes de relacionamentos, a GS reconhece as mudanças psicológicas, morais e religiosas que o envolvem, segundo ela

A transformação de mentalidade e de estruturas põe muitas vezes em questão os valores admitidos, sobretudo no caso dos jovens. Tornam-se frequentemente impacientes e mesmo, com a inquietação, rebeldes; conscientes da própria importância na vida social, aspiram a participar nela o mais depressa possível. Por este motivo, os pais e educadores encontram não raro crescentes dificuldades no desempenho da sua missão. Por sua vez, as instituições, as leis e a maneira de pensar e de sentir herdadas do passado nem sempre parecem adaptadas à situação actual; e daqui provém uma grave perturbação no comportamento e até nas próprias normas de acção.¹⁰⁷

Sendo a doutrina social da Igreja centrada na vida, dignidade e direitos da pessoa humana e marcada por uma opção pelos pobres e pelos fracos, o princípio de solidariedade visa à obtenção de paz no mundo, apresentando como solução dos problemas mundiais a pessoa de Jesus Cristo. Entre os problemas que afligem o mundo a GS cita os desequilíbrios pessoais familiares e sociais gerados pelas desigualdades existentes

No seio da família, originam-se tensões, quer devido à pressão das condições demográficas, económicas e sociais, quer pelas dificuldades que surgem entre as diferentes gerações, quer pelo novo tipo de relações sociais entre homens e mulheres.¹⁰⁸

Num princípio de solidariedade que defina um mundo novo, formando uma só família de irmãos, o cristão, através da GS, é chamado a proteger a dignidade da vida humana, fundamento principal que conduz à ação de homens como Frei Antonino Puglisi. Inserido na realidade do povo onde vivia Frei Antonino se tornou o idealizador de projetos que marcaram a comunidade de fé e as famílias do entorno. Porém, sua ação não parte de atitudes isoladas, está fundamentada neste “fôlego novo”, que se reflete de forma bem peculiar, uma vez que não atinge a Igreja como um todo, mas fomentada pelos valores evangélicos e pelas concepções ideológicas e morais advindos do Concílio Vaticano II.

¹⁰⁷ Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Op.cit., p. 546

¹⁰⁸ Idem, p. 547

3.3 – A Fundação Frei Antonino Puglisi: nos passos do Vaticano II

A atualidade conduz a uma reflexão ainda mais profunda, as transformações no seio da família e sociedade são constantes e rápidas, fazendo com que a igreja continue a desenvolver sua doutrina social comprometida com a justiça e a missionariedade. Embora o fator drogas não seja diretamente tratado no Concílio Vaticano II, percebe-se que a abertura ao diálogo com a sociedade teve como consequência a orientação de ações da Igreja no Brasil. A vanguarda de Frei Antonino Puglisi na sociedade uberlandense representa bem a ação da Igreja na defesa da família e do jovem, em concordância com o cenário mundial até aqui apresentado.

A Fundação, criada em 1994, é reflexo dessas diretrizes da Igreja e da abertura proposta pelo Concílio Vaticano II. Em 2001, a igreja do Brasil insere sua preocupação com o uso e abuso de drogas, propondo como tema da Campanha da fraternidade: **Fraternidade e a questão das drogas** e como Lema: Vida sim, drogas não!¹⁰⁹.

O que se torna perceptível em todos os momentos de desenvolvimento das ações da Igreja e principalmente pela atuação de Frei Antonino Puglisi através da Fundação Giuseppina Saitta, é que a abertura ao diálogo almejado no Concílio Vaticano II evolui, mas atinge de forma diferenciada os membros da Igreja. Ações como a de Frei Antonino não são maioria na cidade de Uberlândia, apenas duas paróquias participam da manutenção de comunidades terapêuticas voltadas para o tratamento da dependência química, sendo a Comunidade Vida Nova, a outra entidade existente, mantida através de recurso do Santuário Nossa Senhora Aparecida.

Para se adequar à legislação brasileira, cujos traços gerais foram apresentados no capítulo dois, a Fundação Giuseppina Saitta teve seu estatuto alterado em 2004, quando também alterou o nome da entidade para Fundação Frei Antonino Puglisi, em homenagem ao seu fundador que havia falecido no mesmo ano.

O estatuto apresenta as diretrizes básicas de funcionamento da instituição, tratando de pontos como a administração dos bens materiais e da finalidade; a análise do documento revela a preocupação dos seus associados em dar continuidade aos projetos iniciados por Frei Antonino, adequando suas ações ao novo código civil.

A finalidade principal, o serviço gratuito, permanente e sem discriminação, “na recuperação de dependentes químicos, em sua reabilitação pessoal e reinserção social,

¹⁰⁹ **Origens da Campanha da Fraternidade.** Disponível em: www.cf.org.br/Apresentacao-slides.ppt acesso em 22 jan.2012.

através de orientações e de todos os meios, aos jovens e adultos e as suas famílias”¹¹⁰ orienta os outros itens do Estatuto, seja na destinação dos bens materiais em caso de dissolução da Instituição ou no cuidado ao escolher os membros dos Conselhos.

Na prática, a destinação de verbas municipais para fins específicos limita o atendimento gratuito na instituição e leva as famílias dos dependentes químicos a terem como obrigação contribuir para a manutenção do tratamento. Uma contribuição voluntária é acertada entre diretoria e familiares durante o processo de triagem e mantida durante o período de “abrigo temporário” na Fazendinha.

O Estatuto determina que seus Diretores, Conselheiros, Associados, Benfeitores e Voluntários não recebam remuneração ou benefícios em qualquer espécie pelos serviços prestados. E que o patrimônio da Fundação, assim como os dividendos conseguidos através de subvenções públicas, convênios e doações não sejam utilizados para outros fins, além daqueles a que estejam vinculados.

Além do Estatuto outros instrumentos são utilizados para regular o funcionamento da Instituição, como o Regimento Interno, a Legislação Brasileira e a LAOS (Lei Orgânica de Assistência Social). Uma assembleia geral e a atuação da Diretoria garantem que os associados com voz ativa sejam ouvidos nas principais decisões da Fundação.

No caso de dissolução ou extinção, encaminhada pela Diretoria e deliberada pela assembleia geral, após acordado pelo Ministério Público, o Estatuto determina o destino dos bens, que serão repassados em primeira opção para entidade afim, registrada no Conselho Nacional de Assistência Social e em último caso, devolvida à Fazenda do Estado ou da União.

A adequação do seu Estatuto à Legislação vigente continua a ser uma preocupação, pois as Leis que regem a Política Nacional sobre Drogas ainda sofrem modificações no país. O tratamento oferecido pela Fundação está apoiado nessas Leis e se apresenta como uma opção entre outras possíveis ao dependente químico. Quando a dependência apresenta um quadro grave, necessitando de um ambiente estruturado seguro, ou quando apresenta agressividade representando ameaça à integridade física para si ou para outros, é indicada a internação psiquiátrica. Dependendo da gravidade do uso e dos recursos disponíveis, as formas de tratamento variam, podendo ser o acompanhamento em grupos de autoajuda (AA e NA), farmacológico, psicossociais ou em comunidades terapêuticas como a Fazenda Stella Maris.

¹¹⁰ **Segunda Alteração do Estatuto Social.** Registro Civil de Pessoas Jurídicas n 3250. Uberlândia, 2004. Estatuto Social, arquivo da Fundação Frei Antonino Puglisi.

A existência das Comunidades terapêuticas está ligada ao que foi chamada de ‘3ª Revolução na Psiquiatria’, tendo sua origem em 1953 a proposta era fugir da estrutura rígida dos hospitais psiquiátricos e diminuir a separação hierárquica interna, proporcionando a participação de todos os envolvidos no processo terapêutico. A passividade do interno seria substituída por sua efetiva participação no tratamento, ajudando na manutenção da comunidade.

A proposta original incluía sua participação (do interno) mesmo nas questões administrativas do local, entendendo que o próprio interno é responsável por seu processo de tratamento; alguns ajustes foram feitos, mas as diretrizes básicas mantidas. O tratamento deve ser aceito voluntariamente e a equipe apenas proporcionar apoio e ajuda para diminuir as tensões internas.

Numa comunidade terapêutica ou fazendas de tratamento, as orientações teóricas são variadas, mas geralmente apresentam uma proposta baseada em disciplina, trabalho e religião¹¹¹. Sendo a espiritualidade católica e franciscana trabalhada dentro da CT, apesar de assumir um tratamento cuja nomenclatura o remete para fora dos domínios da religião: a loboterapia utilizada nos nove meses de tratamento dentro da fazendinha de recuperação tem o objetivo de ocupar o tempo do dependente, criando ou re-criando nele noções de responsabilidade e utilização do tempo em atividades que promovam seu desenvolvimento integral, possibilitando o resgate de sua dignidade humana, preparando-o para assumir responsabilidades e lidar com suas próprias limitações, o que torna a religiosidade um caminho para o controle emocional.

A Fundação Frei Antonino Puglisi é a única comunidade terapêutica de Uberlândia filiada à Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas (FEBRACT), importante órgão não governamental de apoio às comunidades terapêuticas de tratamento da dependência química no Brasil.

A FEBRACT atua no país desde 1990, oferecendo cursos de formação para coordenadores e monitores de comunidades terapêuticas desde 1994, formando-os também na prevenção do uso de drogas. Tem atuado junto ao Governo Federal para a regularização das comunidades terapêuticas, visando minimizar a exploração dos dependentes e seus familiares por instituições que, apesar de receberem a denominação de CT, não atendem as especificações do tratamento, a exemplo das clínicas fechadas em Uberlândia, em 2009 e 2010. A FEBRACT *“já capacitou 7023 alunos pertencentes a 292 Comunidades*

¹¹¹ Brasil, Presidência da República. **Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias**, op.cit., p.184.

Terapêuticas filiadas ou não, oriundos de todas as unidades da Federação, além de pessoas ligadas às instituições já mencionadas (dados relativos a abril de 2008).”¹¹²

Ponto que se torna relevante na atuação da FEBRACT é o fato de ser ela também uma instituição de confissão católica, administrada por um padre. Seu objetivo é formar profissionais ligados ao tratamento e prevenção do uso de drogas e colaborar com o Governo Federal para o alinhamento das políticas nacionais que regem o funcionamento de instituições terapêuticas. Na programação da Instituição há também cursos voltados para dirigentes, coordenadores técnicos e administrativos. Entre as disciplinas ministradas estão noções de saúde mental, aspectos psicológicos e farmacológicos da dependência, efeitos das drogas no organismo, importância dos 12 passos, legislação, funcionamento de uma comunidade terapêutica, processo terapêutico na comunidade terapêutica, administração da Comunidade terapêutica, entre outras¹¹³.

3.4 – Os 12 passos no tratamento da dependência química

O Programa de Doze Passos¹¹⁴, utilizado na Comunidade Terapêutica Fazenda Stella Maris foi criado nos Estados Unidos em 1935, inicialmente para tratar o alcoolismo, depois se estendeu ao tratamento de vários tipos de dependências químicas e compulsões, sendo amplamente usado nos grupos de Alcoólicos Anônimos e grupos relacionados como Al-Anon/Alateen, cuja característica é oferecer apoio às famílias de alcoólatras e Narcóticos Anônimos. Nas reuniões são discutidos problemas, partilhadas vitórias e oferecido apoio.

De caráter notadamente religioso, os doze passos foram escritos tendo por base os seis passos do grupo cristão de Oxford, que buscava uma orientação divina para os problemas enfrentados e não tinha, inicialmente, relação direta com a dependência química.

O método consiste especificamente em orientações a serem seguidas pelo dependente em tratamento e apresenta uma sequência de atitudes e ações que se baseiam em: admitir a impotência perante o álcool; acreditar que um poder superior poderia devolver-lhes a sanidade; entregar-se aos cuidados de Deus; fazer inventário moral; admitir perante Deus e outro ser humano a natureza exata das faltas cometidas; permitir que Deus remova todos

¹¹² Histórico da FEBRACT. Disponível em: <http://www.febract.org.br/historico.htm> acesso em 12 jan. 2012.

¹¹³ Disciplinas ministradas no curso para Dirigentes. Disponível em: <http://www.febract.org.br/cursos.htm> acesso em 12 jan. 2012.

¹¹⁴ **Doze passos para os Cristãos.** Apresentação e apêndice Pe. Haroldo J. Ram, SJ. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

esses defeitos; pedir humildemente que o livre dessas imperfeições; fazer uma relação das pessoas prejudicadas e se dispor a reparar os danos causados; reparar esses danos se for possível fazê-lo sem prejudicar outrem; continuar fazendo o inventário pessoal e admitir erros; através da prece e meditação melhorar o contato com Deus, pedindo forças para realizar Sua vontade; e graças ao despertar espiritual provocado pelos doze passos, procurar transmitir esses princípios a outros alcoólicos e adictos¹¹⁵.

Os princípios dos doze passos foram adaptados para a realidade das Comunidades Terapêuticas de confissão cristã nos “doze passos para os cristãos”, oferecendo um guia espiritual para cristãos de qualquer denominação, para a solução de relacionamentos difíceis, em especial aos problemas ligados à dependência química e alcoólica. O livro, publicado a partir da contribuição de leigos e padres envolvidos na problemática das drogas, tem sido importante instrumento nas comunidades terapêuticas; a apresentação e o apêndice são do Pe. Haroldo Joseph Hahn, um missionário Jesuíta, que coordena também os trabalhos da instituição Amor Exigente e da FEBRAC, ambas pontos de referência no apoio às famílias dos dependentes químicos e às comunidades terapêuticas brasileiras.

Junto com a reflexão dos doze passos é incentivada uma rotina de exercícios espirituais que favorecem a submissão, conversão, confissão, arrependimento, reparação e oração, cujo objetivo, revelado já no prefácio do livro é o de substituir os sentimentos de indignidade, ansiedade e inferioridade pelas virtudes espirituais, tudo isso é claro, sob a iluminação da Bíblia, nesse caso uma versão ecumênica, para que os dogmas de fé de nenhuma religião alterem os princípios evangélicos.

se aplicarmos esses instrumentos a nossas vidas com regularidade, nós nos entregaremos ao amor e à graça de Deus [...] em grau maior ou menor, todos experimentam a libertação dos efeitos prejudiciais de um ambiente nada saudável. À medida que nossas feridas saram, passamos a ser membros funcionais da comunidade¹¹⁶.

A peregrinação espiritual proposta pelo método dos doze passos, busca o bem-estar físico, espiritual e emocional do indivíduo, ajudando a aprender novos comportamentos, abandonando os comportamentos autodestrutivos e melhorando a relação com Deus, para isso, incentiva a participação em grupos de apoio, criando relacionamentos saudáveis dentro dos grupos por considerar que a amizade pode ser importante aliada durante o tratamento.

¹¹⁵ **Doze passos para os Cristãos.** op. cit., p.XXI

¹¹⁶ **Doze passos para os Cristãos.** op.cit., p.XXVII

Um tratamento de auto-ajuda que pode designar a própria CT Fazenda Stella Maris, a oração da serenidade, trabalhada nas reuniões espirituais com dependentes e familiares pode ser um parâmetro para avaliar a forma como os princípios religiosos são utilizados pela Fundação, norteando o tratamento alternativo oferecido por ela: *Concedei-nos, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguir umas das outras*".

A Comunidade Terapêutica é vista por George De Leon¹¹⁷ através de uma abordagem de auto-ajuda, que não se enquadra nos tratamentos psiquiátricos, psicológicos e médicos. O tratamento então se constitui em longo prazo e enfoca a pessoa como um todo, conduzindo a uma mudança pessoal. Para direcionar o trabalho nas comunidades terapêuticas, independente da forma de cultura, governo ou religião de origem, a dinâmica dos 12 passos ajuda numa atitude de Resiliência e é adotada como método de tratamento.

3.5 – Resiliência e fé religiosa

Observa-se na Psicologia, a partir de 2001, o desenvolvimento de pesquisas onde são ressaltadas as linhas positivas de desenvolvimento do ser humano, numa tentativa de transformar questões negativas como depressão, ansiedade, agressividade, em novas possibilidades de compreensão do comportamento do indivíduo, a partir de fenômenos como felicidade, otimismo, alegria e satisfação entre outros.

Busca-se romper com atitudes negativas diante de indivíduos, grupos ou comunidades através de um caminho que exige o mesmo “esforço, reflexão e seriedade conceitual, teórica e metodológica”¹¹⁸ do estudo dos distúrbios que os afligem. Nessa tendência de uma Psicologia Positiva, destaca-se o fenômeno da Resiliência, inicialmente considerada um traço da personalidade do indivíduo, herdada geneticamente.¹¹⁹ Os estudos atuais a indicam como um sistema de adaptação ao longo do desenvolvimento humano, forte indicativo de uma “vida saudável”. A palavra Resiliência não é muito conhecida entre a

¹¹⁷ DE LEON, George. **A Comunidade Terapêutica: Teoria, Modelo e Método**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

¹¹⁸ YUNES, Maria Angela Mattar. **Psicologia Positiva e Resiliência: o foco no indivíduo e na família**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

¹¹⁹ SOUZA, Marilza Terezinha Soares de; CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **Resiliência: introdução à compreensão do conceito e suas implicações no campo da psicologia**. Disponível em: <<http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/Humanas%202006%202/Pdf/2%BA%20art..pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2012.

sociedade brasileira e mesmo na Psicologia, seu estudo é recente, Yunes destaca que é necessário considerar as diferenças de indivíduos, contexto e formas ao tratar a resiliência.

Vem sendo pesquisado há cerca de trinta anos, mas apenas nos últimos cinco anos os encontros internacionais têm trazido este construto para discussão. Sua definição não é clara, tampouco precisa quanto na Física ou na Engenharia, e nem poderia sê-lo, haja vista a complexidade e multiplicidade de fatores e variáveis que devem ser levados em conta no estudo dos fenômenos humanos¹²⁰.

O estudo de Yunes está voltado principalmente para o foco da família, acreditando ser importante “*olhar para o grupo familiar, sem esquecer a sua inserção e relação com a comunidade e a importância de se incrementarem políticas de programas de apoio às famílias*”, sendo inegável a influência de relações interpessoais, como apoio para a superação das adversidades. Sendo frequente que esse apoio seja exercido por pessoas próximas e significativas ao indivíduo.

A fé cristã parece influente em relação à Resiliência, na comunidade terapêutica o foco muda, a observação deixa de se situar nas “*fraquezas, sintomas, doenças, carências, tenta-se descobrir quais são os ‘fatores de proteção’ e os ‘pilares de resiliência’ que propiciam a promoção de forças do ambiente circundante e de capacidades pessoais para reagir e superar as adversidades da vida.*”¹²¹ O desafio perante as adversidades da vida, em especial a problemática do consumo de drogas no país, foi assumido pela Igreja Católica de Uberlândia, através da Fundação Frei Antonino Puglisi e não foge ao contexto de toda a América Latina. A exclusão social, a violência e a injustiça, que perpassam o cotidiano dos jovens em todo o continente fazem com que as religiões se tornem colaboradoras para uma reação que ofereça melhor resposta da sociedade em geral.

A comunidade terapêutica se apresenta como o local onde a convivência favorece superar os traumas a partir de uma atitude de esperança. A psicóloga Susana Maria Rocca Larrosa, citando Nan Henderson e Mike Milstein¹²², afirma que “o fundamento do paradigma da resiliência questiona duramente a ideia de que os fatores de risco e as

¹²⁰ YUNES. Op.cit. p.

¹²¹ ROCCA, Susana M. **Resiliência: um novo paradigma que desafia a reflexão e a prática pastoral.** Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/docdigital/simposioteologia/pdf/Susana%20M.%20Rocca%20L.pdf> acesso em 15 jan 2012.

¹²² O estudo dos psicólogos Nan Henderson e Mike Milstein, sobre a resiliência nas escolas ressalta a importância do professor resiliente para o êxito escolar e social dos alunos. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40362010000400006&script=sci_arttext> acesso em 20 jan.2012.

realidades traumáticas inevitavelmente condenam as pessoas a contrair psicopatologias ou a perpetuar ciclos de pobreza, abuso, fracasso escolar ou violência”¹²³

Promover atitude de resiliência exige a participação e o apoio de pessoas e instituições, sejam elas governamentais ou não, citando Henderson, Rocca afirma:

Para potencializar a resiliência de um grupo ou de uma pessoa, é preciso descobrir os chamados pilares de resiliência, isto é, os recursos próprios da pessoa, e os fatores de proteção do meio circundante, ou seja, as capacidades que há na família, no ambiente ou na instituição educativa, social, política ou religiosa. Esse processo de fortalecimento e capacitação é conhecido hoje como empoderamento (empowerment) e preocupa-se em “identificar os recursos, revelá-los a quem os possui – que frequentemente não sabe que os possui – e ajudá-lo a aplicá-los”¹²⁴

O ambiente protetor da comunidade terapêutica age como um tutor da resiliência, possibilitando apoio, confiança e amor que auxilia o dependente a firmar sua força de vontade e lutar contra as adversidades que o conduziram ao consumo de drogas. A rede de proteção estabelecida aumenta a auto-estima e favorece atitudes de aceitação dos erros, controle dos impulsos, introjetando as normas de conduta para o convívio social e crescimento profissional, segundo o método dos doze passos.

O compromisso com a doutrina social da Igreja permite o uso das Igrejas locais e casas religiosas para o funcionamento de grupos de apoio a pessoas que enfrentam o mesmo tipo de sofrimento,

em vários âmbitos, sobretudo religiosos, constata-se vários depoimentos de pessoas que passaram por situações difíceis e que, sentindo-se acolhidas com carinho e compreensão, escutadas, valorizadas, aceitas sem condições, encontram conforto, capacidade e esperança para assumir com sentido e esperança as dificuldades e os sofrimentos. Várias delas relatam que a experiência de sentir-se reconhecidas, amadas e cuidadas, por Deus, pelas pessoas, pelo grupo ou comunidade religiosa, foi fonte de fortalecimento humano e espiritual, de superação da adversidade, e uma ajuda que potencializou o processo de cura interior.¹²⁵

Vários autores reconhecem a relação existente entre fé religiosa e capacidade de resiliência, afirma Rocca. Embora seja necessário lembrar que algumas religiões têm um caráter sectário que induz à violência, não podendo ser considerado resiliente o indivíduo que desconsidera seu bem-estar tanto quanto o do próximo.

Para a psicologia, algumas vezes não é possível superar os efeitos negativos de determinadas experiências, apagando-as da memória, mas atitudes como o bom humor e um

¹²³ ROCCA, op.cit.

¹²⁴ Idem

¹²⁵ Ibidem

novo olhar sobre os problemas, podem dar um novo sentido às vivências negativas, tornando suportável viver as adversidades. Rocca, citando Vanistendael¹²⁶, considera que a capacidade de ter ou reconstruir um vínculo positivo com a própria vida, pode ser intuitivo em algumas pessoas, em outras é reflexo da convivência com familiares, amigos ou perante o engajamento de serviços em favor de outras pessoas

Não são poucos os relatos de pessoas que afirmam que só uma forte experiência de amor, humano ou divino, conseguiu dar-lhes novamente uma razão para lutarem e para continuarem a vida, oferecendo-lhes um sentido para viver e superar-se. São depoimentos que, às vezes, se escutam não só em casos de perdas graves ou doenças, mas também em situações físicas aparentemente irreversíveis como pode ser o uso de drogas pesadas.¹²⁷

Considerando ainda a importância do perdão, a resiliência deve impulsionar a teologia para assumir de forma consciente a obrigação de ser transmissora de esperança, “*a fé, vivida com confiança em um Deus presente é força que ajuda a superar o sofrimento, parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência*”¹²⁸. Ao mesmo tempo em que atua no campo da reflexão e da prática pastoral, o sucesso dos métodos utilizados garante a sobrevivência da Fundação Frei Antonino Puglisi, e provoca o aumento do número de comunidades terapêuticas na atualidade.

Os documentos oriundos do Concílio Vaticano II estabeleceram as diretrizes da Doutrina Social da Igreja Católica, criando uma espécie de intercâmbio entre ciência e religião, o sucesso do tratamento oferecido aos dependentes através da Fundação Frei Antonino Puglisi pode obter êxito a partir da ação conjunta de instituições que apesar de sofrerem profundas alterações em sua estrutura, ainda são sinônimos de proteção e bem estar na sociedade contemporânea, como a Comunidade, a Igreja, Família e Governo.

¹²⁶ VANISTENDAEL, Stefan. **Resiliencia y Espiritualidad** apud ROCCA. op.cit.

¹²⁷ ROCCA, op.cit.

¹²⁸ Idem.

Considerações finais:

As representações sociais ajudam a definir os aspectos da realidade, a interpretar e agir diante deles. Com o advento da globalização e a transmissão de informações em nível mundial, pela circulação do conhecimento, pode-se mudar, com considerável rapidez, a concepção de determinado fato, ajustando-o, até mesmo, aos valores morais de cada povo ou cultura. Assim sendo, um conceito se forma a partir da realidade vivida.

Não há representação sem objeto e o objeto de uma representação social pode ser complexo, podendo envolver um acontecimento de ordem material ou social, uma ideia, uma teoria, um sujeito. Segundo Chartier,¹²⁹ a História é convidada a reformular seus objetos, retornando a uma filosofia do sujeito, pois não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos dão sentido a seu mundo.

Stuart Hall¹³⁰ traça o histórico das representações do sujeito pela modernidade, um sujeito em processo de fragmentação, pois o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, permanente

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.¹³¹

Também as culturas nacionais envolvem elementos da formação da identidade, enquanto a altera com o processo de globalização, Stuart Hall, citando Giddens diz que “*a globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do espaço*”.¹³²

Para ele as moldagens das relações espaço-tempo são importantes para entender os sistemas de representação em que a identidade está inserida e esse conceito ajuda a pensar o contexto onde se desenvolve as ações de Frei Antonino Puglisi em favor dos dependentes químicos: as datas não são meras coincidências, antes interligam e demonstram valores

129 CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos avançados** 11 (5), 1991. P.175

130 HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: LP&A, 2000.

131 Idem, p.13

132 Ibidem. P. 68

pulsantes na sociedade contemporânea, mesmo que nem sempre se perceba neles a influência religiosa.

Esperava-se que a globalização favorecesse a redução das diferenças e distinções culturais, conduzindo a identidade a uma homogeneização cultural. Entretanto, os deslocamentos da globalização podem fortalecer ou negar uma identidade nacional, podem fazê-lo também em relação à identidade local e até formar novas identidades, revela Hall. Na prática, porém, a globalização se mostra incapaz de solucionar as desigualdades do mundo, de suprir as diferenças econômicas e culturais, apesar de tornar tudo mais acessível ao conhecimento.

Essa globalização pode também revelar o sujeito alienado, isolado, incapaz de sentir-se parte da sociedade em que vive. É possível percebê-lo nas obras de Kafka¹³³, como alegoria da própria modernidade. Seria o dependente químico esse ser de identidade marcada pela alienação?

O vício é, por assim dizer, uma crença que se alça sobre a base da descrença. O viciado sabe que a substância com a qual ele se agarra, não oferece um apoio verdadeiro. [...] o vício torna evidente a dimensão fisiológica da crença e da descrença, na qual elas podem controlar seu próprio “discurso” sem que haja uma única palavra teológica, sem que os interessados o relacionem com sua confissão mental, seja ela atea ou não.¹³⁴

O viciado foge de si próprio, se conforma com sua total impotência diante do vício, apesar de desejar romper com sua continuidade. Entretanto, a compulsão não se faz presente apenas no universo da dependência química, está presente também na sociedade de consumo, pode ser vista caminhando lado a lado com a emancipação, autodeterminação e a democracia, na necessidade de um contato virtual com o mundo, no processo midiático que cria motivação para novas sensações ao consumir produtos e marcas. E descobrimos que as drogas não são o único vício da sociedade contemporânea.

Mostra-se um elemento da própria contemporaneidade a luta do indivíduo por um lugar na sociedade, que ao pregar relações mundiais interligadas gera também cenários de pobreza e desigualdade, enquanto cria no sujeito a necessidade de consumo que o iguale ao que vê nos meios eletrônicos e midiáticos.

133 Em especial a novela “O Processo” que revela a dificuldade de certo Sr. K, acusado em um processo cujo teor desconhece, perdido entre uma burocracia alienada e alienante, em cujo labirinto se perde.
134TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas Sp: Unicamp, 2010. p.246

Para C. Türcke não há igualdade, “*Já a própria metáfora da “rede” a desmente. Redes possuem linhas e nós, mas entre eles há bastante ar. [...] são as metrópoles e os centros econômicos que concentram os pontos nodais das telecomunicações. E nem mesmo eles são homogêneos*”¹³⁵.

Há, para este autor, uma tecnologia social da exclusão, já percebida por Foucault, na sociedade europeia, que, desde o século XVI, estabeleceu a separação entre loucos e sãos, doentes e saudáveis, delinquentes e normais, contribuindo para formar conceitos modernos de razão, saúde e normalidade, criando eles próprios a necessidade de medidas disciplinares e de ressocialização para aqueles que não se enquadram nos padrões.

Em todo momento torna-se imperativo chamar a atenção para não sucumbir, cada um à sua maneira, ressalta Türcke, lembrando que conceitos como o de integração, para além das fronteiras partidárias e ideológicas, é o termo em voga. O sentimento de pertencer a um lugar, de não ser excluído move o ser humano, pois não ser percebido é não existir. Necessário se faz incluir a todos, mesmo os que pensam ou agem diferente, os enfermos e idosos, e por que não, também o dependente químico? Pois integração se tornou sinônimo de salvação, resgate da dignidade humana, compromisso assumido pela Igreja do Brasil a partir do Concílio Vaticano II, mas percebido também na evolução da legislação brasileira sobre drogas.

O autor ressalta que a história da razão moderna pode ser revelada, em parte analisando-se práticas de admissão e internação, além da “*formação de conceitos científicos que tanto criam quanto tratam e descrevem as ocorrências de loucuras, histeria e criminalidade.*”¹³⁶

Vítimas de uma coerção social, os indivíduos são obrigados a oferecer algo[...] Invisível é o instrumento que o obriga a buscar uma integração, quando ocorre a exclusão ela pode se manifestar tanto na conscientização de não possuir um lugar, quanto no enclausuramento em prisões, asilos, clínicas e casas de detenção.¹³⁷

O mundo contemporâneo tem uma dinâmica própria, uma urgência da modernidade de se reinventar, se modernizar, onde mudanças de conceitos, tendências e opiniões são comuns nesse tempo que alguns pesquisadores chamam de pós-moderno, e que aqui é

135 TÜRCKE. Op.cit., p.59

136 Idem.

137 Ibidem, p. 63-64

tratado como contemporâneo, por entender a complexidade de separar através de datas fixas, períodos tão cheios de continuidades e de rupturas, onde paradigmas são considerados como uma visão ou teoria, também passível de alterações.¹³⁸

A complexidade da própria modernidade se reflete na pesquisa desenvolvida na Fundação Frei Antonino Puglisi. O tratamento da dependência química, a atuação da Igreja, de leigos, da sociedade em geral, da Ciência e as adequações da legislação brasileira, se revelam complexos, uma vez que a sociedade também se moderniza, se adéqua a novas descobertas científicas e se mostram importantes pontos de reflexão. A contemporaneidade se mostra interligando conceitos aparentemente antagônicos como Religião e Ciência, e deixa ainda uma dúvida sobre sua própria dinâmica, *“uma dinâmica que se origina dos organismos humanos e que, todavia, passa por eles a ponto de não se identificar com os próprios.”*¹³⁹

Considerando que *“O sagrado pode ser visto como uma força incrivelmente redentora que norteia o mundo, mas o intelecto humano não pode deixar de avaliar, esclarecer, dando um contexto e um sentido ao que lhe parece um disparate”*¹⁴⁰ me propus o desafio de unir os conhecimentos adquiridos na formação acadêmica à uma pesquisa que envolvia a oralidade, a utilização de imagens fotográficas e depoimentos, além de alguns documentos possíveis de consulta na internet e no arquivo da Fundação Frei Antonino Puglisi.

A caridade (ágape) é um termo inventado pelos cristãos. Designa a originalidade do amor cristão: gastar, cada dia, a própria vida para que haja mais vida no mundo. Os destinatários da caridade não são apenas indivíduos. São também grupos sociais, raças e povos inteiros. A caridade tem uma dimensão social, política e, até mesmo, planetária. [...] Nenhum aspecto da existência escapa ao âmbito da caridade. A caridade, porém, deve sempre estar articulada com a verdade.¹⁴¹

Caridade é o sentimento possível de ser percebido em cada voluntário e até mesmo nos funcionários da instituição, pode não ser exclusivamente relacionada a uma confissão religiosa, mas *“Para a Igreja, a caridade não é apenas uma espécie de atividade de*

138 TÜRCKE. Op.cit.,p.79

139 Idem.p.239

140 Ibidem, p.300 - 301

141 SANTOS, Benedito Beni dos. **Discípulos e missionários - reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade.** São Paulo: Paulus, 2006 p.51

*assistência social que se poderá mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável de sua própria essência”.*¹⁴²

Esse trabalho monográfico procurou revelar vários fatores envolvidos no tratamento da dependência química, buscando pontuar e refletir sobre os discursos científico e religioso, tomando-os como campos amplos para uma pesquisa que não se encerra aqui, mas que desperta o desejo de continuar as indagações, a meu ver, fascinantes, embora críticas, mas não necessariamente negativas, em relação à Doutrina Social da Igreja Católica, ao Governo e ao seu discurso de ilegalidade da droga. Mostra-se promissora a investigação que toma a participação da família e da sociedade como pontos comuns nos dois discursos aqui enfocados – a Religião e a Medicina – que chegam às vezes a se antagonizar, mas que acabam assumindo uma posição que pode parecer a primeira vista incompatível, de utilizar seus conhecimentos para direcionar seus recursos: um oferecendo o tratamento alternativo, o outro auxiliando o Estado a regular, controlar, vigiar e legalizar as ações de descriminalização do dependente.

Esse trabalho procurou destacar também o voluntariado, no sentido de refletir em direção à indagação:

De que modo as capacidades humanas da empatia e da consideração, do sentimento e do pensamento para com os outros, as quais, em geral, dificilmente se propagam para outras pessoas que não sejam os parentes mais próximos, podem ser estendidas, de maneira que engendrem um amor ao mais distante?¹⁴³

Uma forma prática de demonstrar o alcance e motivação do voluntário da Fundação Frei Antonino Puglisi, é o depoimento espontâneo de Gustavo Hoffay, recuperado pela instituição em 1998 e voluntário no conselho deliberativo, que fez da prevenção ao uso das drogas uma bandeira, já tendo palestrado em diversos locais dentro do Brasil e nos Estados Unidos da América sobre sua experiência de usuário e sobre o tratamento recebido.

Para desenvolver tais ações, no entanto, não bastava o conhecimento à respeito da doença Dependência Química, era e continua sendo necessário um amor honesto e aberto para lidar com pessoas que sofrem daquela enfermidade; uma valorização sincera do ser humano, apreciando as suas qualidades e os seus talentos natos; reconhecendo em cada dependente químico a sua importância como pessoa, cidadão e despertando nele mesmo um alto senso de valor. E ninguém pode acreditar em seu próprio valor, a menos que outro alguém reconheça o potencial que existe naquela

142 Bento XVI, Carta Encíclica Deus caritas est, n. 25

143 TÜRCKE. Op.cit. p. 297

pessoa que deseja passar a viver com intensidade e com responsabilidade pessoal, familiar e social. Iguais a qualquer outra pessoa, acredito que os dependentes químicos em atividade de sua adicção têm qualidades e talentos nem sempre ou nunca valorizados. E eles estão precisando, desesperadamente, de algum tipo de reconhecimento e valorização. E é isso o que cultivo; é isso que faço, pois também sou um dependente químico e fui vítima potencial de preconceitos e segregações diversas.¹⁴⁴

O olhar da Igreja Católica sobre a problemática das drogas não pode ser considerado abrangente ou total. Todavia, o Concílio Vaticano II motivou novas atitudes de evangelização e ações que não se encerram nele próprio. Suas raízes estão alicerçadas na figura do Cristo e em sua opção pelos pobres e marginalizados e continuam despertando novos movimentos dentro da Igreja na atualidade.

Tendo como base o conceito da colegiabilidade episcopal aprovada no Concílio Vaticano II, o documento de Aparecida (DAp), aprovado pelo Papa Bento XVI, em junho de 2007, apresenta estudos e conclusões da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe reunidos em Aparecida SP, com a presença dos bispos da Igreja Católica e autoridades eclesíásticas da América Latina e do Caribe, entre outros convidados.

Segundo o Documento de Aparecida, quatro eixos precisam ser reforçados: a experiência religiosa, a vivência comunitária, a formação bíblico-doutrinal e o compromisso missionário de toda a comunidade. Refletindo sobre a atualidade, a Igreja reconhece as limitações da própria instituição que impregnada por um catolicismo medieval ibérico, voltada apenas para devoções, não se preocupava verdadeiramente com suas doutrinas e sacramentos. Frágil desde a primeira República, influenciando a sociedade através do poder civil, faltava à Igreja uma pastoral laica, onde o ponto principal fosse o compromisso dos fiéis.

A nova configuração eclesial proposta pelo Documento de Aparecida sugere uma “atitude de permanente conversão pastoral” onde o respeito às culturas e circunstâncias se mostre nas atitudes missionárias da Igreja.¹⁴⁵ Os desafios discutidos em Aparecida exigem novos serviços e ministérios na Igreja, que, adaptados ao contexto latino-americano e caribenho, possam provocar uma mudança de mentalidade e não fuja ao desafio de chegar aos que estão afastados da Igreja.¹⁴⁶

144 HOFFAY. Op.cit

145 DAp. 369

146 Idem, 173

Por ser um documento a partir da realidade latino-americana e caribenha, o DAp. faz também uma reflexão sobre a problemática do uso e abuso das drogas e poderá representar um novo fôlego para instituições como a Fundação Frei Antonino Puglisi, ao direcionar esforços maiores para a prevenção e o tratamento da dependência química.

O problema da droga é como uma mancha de óleo que invade tudo. Não reconhece fronteiras, nem geográficas, nem humanas. Ataca igualmente a países ricos e pobres, a crianças, jovens, adultos e idosos, homens e mulheres. A Igreja não pode permanecer indiferente diante desse flagelo que está destruindo a humanidade, especialmente as novas gerações. Sua tarefa se dirige em três direções: prevenção, acompanhamento e apoio das políticas governamentais para reprimir essa epidemia.¹⁴⁷

A Igreja defende a ideia de que a droga não é um caminho sem volta. Quer colocar em prática o que ensina e através do trabalho pastoral, como a Pastoral da Sobriedade, criada em 1998, atuar em cinco frentes: a prevenção, recuperação, reinserção familiar e social e a atuação política em favor do dependente químico. Às instituições como a Fundação Frei Antonino Puglisi resta a esperança de que financeiramente a Igreja assuma a responsabilidade, atuando junto com o poder público para garantir a manutenção do tratamento ao dependente químico.

Voltar o olhar sobre a Fundação Frei Antonino Puglisi permite considerar os complexos campos da modernidade sobre uma problemática que atinge com violência o indivíduo e sua família e que por isso tem reflexo na ação social do país. Os resultados do tratamento não precisam ser colocados em números para que se tornem significativos, mas podem ser considerados como forma de estímulo para uma cultura de integração e inclusão que respeite o diferente sem, no entanto, desconsiderar seu potencial de Resiliência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Jean Luiz Neves. **Nos domínios do corpo: o saber luso-brasileiro no século XVIII**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BATAILLE, Georges. **Teoria da Religião**. São Paulo: Ática, 1993.
- BIBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave Maria, 1995.
- BRASIL, Presidência da República. **Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias – 2.ed.** – Brasília: Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD, 2010.
- BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, define diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.
- BRASIL. Lei nº. 11.343/06: Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - SISNAD; Brasília: Presidência da República, 2006.
- BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BENTO XVI, **Carta Encíclica Deus Caritas Est**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BUCHER, Richard; OLIVEIRA, Sandra R.M. O discurso do “combate às drogas” e suas ideologias. In: **Revista Saúde Pública**, 28 fev. 1994.
- CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CECHINATO, Luiz. **Os vinte séculos de caminhada da Igreja: principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CELAM. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos avançados 11 (5)**, 1991
- DE LEON, George. **A Comunidade Terapêutica: Teoria, Modelo e Método**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.
- Di NOLA, Alfonso. “Sagrado/profano”. In: **Enciclopédia Einaudi**. Mythos/logos, sagrado/profano. Imprensa Nacional- Casa da Moeda, V12, 1987.

Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2001

Doze passos para os Cristãos. Apresentação e apêndice Pe. Haroldo J. Ram, SJ. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FORMIGONI, Maria Lucia Oliveira de Souza, DUARTE, Paulina do Carmo Arruda Vieira (Orgs). **Fé na Prevenção: prevenção do uso de drogas em instituições religiosas e movimentos afins.** Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica.** Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1997.

Instituição da Fundação Giuseppina Saitta. Livro 1, p. 1, 1994. Ata, arquivo da coordenação da Fundação Frei Antonino Puglisi

JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001.

MARGOLINER, Jonnathan M. **A Encíclica Mater et Magistra (1961) como leitura de uma época: O Século XX e as Questões Sociais.** Uberlândia: UFU, 2009, 77p. Monografia apresentada ao curso de História UFU para obtenção do grau de bacharel.

MARTELLI, Stefano. Georg Simmel e a religiosidade como forma pura das relações sociais. In: **Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura.** Ano II nº7. Ed Paulinas, SP, 2006.

Meu Nome Não é Johnny. Direção: Mauro Lima. Produção: Mariza Leão e Guel Arraes. Brasil: Sony Pictures, Globo Filmes, 2008. DVD (107 min). color. Baseado no filme homônimo de Guilherme Fiuza.

PERROT, Michele. “Figuras e Papéis”. In: **História da vida Privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. “Funções da Família”. In: **História da vida Privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. “A família triunfante”. In: **História da vida Privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SAMUEL, Raphael. “Documentação: História Local e História Oral”. In: **Revista Brasileira de História.** v.9. n 19. São Paulo, 1990.

SANTOS, Benedito Beni dos. **Discípulos e missionários - reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade.** São Paulo: Paulus, 2006

Segunda Alteração do Estatuto Social. Registro Civil de Pessoas Jurídicas n 3250. Uberlândia, 2004. Estatuto Social, arquivo da Fundação Frei Antonino Puglisi.

STARK, Rodney, BAINBRIGDE, William Sims. **Uma teoria da Religião.** São Paulo: Paulinas, 2008.

UBERLÂNDIA, Prefeitura Municipal. **Diário Oficial do Município**. Ano XXII nº 3360-A, Uberlândia-MG, 22 de fevereiro de 2010

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas Sp: Unicamp, 2010.

VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ARTIGOS E DOCUMENTOS EM MEIO ELETRÔNICO

CALLIGARIS, Contardo. **Os diferentes são todos doentes?** disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/1045827-os-diferentes-sao-todos-doentes.shtml> acesso em 10 fev. 2012.

Constituição Pastoral Gaudium Et Spes sobre a Igreja no mundo atual. Vaticano. Documentos do Concílio Vaticano II. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html> acesso em 15 nov. 2011

Entrevista do promotor Adriano Bozola, durante o fechamento de uma clínica em Uberlândia, onde estavam 45 dependentes químicos em tratamento involuntário G1. Globo.com. disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1250956-5598,00.html> acesso em 25 ago 2011.

Jornal Correio de Uberlândia. HOFFAY, Gustavo. Uberlândia. 2010 disponível em:<<http://www2.correiodeuberlandia.com.br/?tp=coluna&post=19126&uid=38>> acesso em 24 ago.2011.

Jornal de Uberaba. PEDROSO, Carlos. Edição de 24/07/2009. Disponível em <<http://www.jornaldeuberaba.com.br/?MENU=CadernoA&SUBMENU=Opinio&CO...>>acesso em 24 ago. 2011.

Histórico da FEBRACT. Disponível em: <http://www.febract.org.br/historico.htm> acesso em 12 jan 2012.

Origens da Campanha da Fraternidade. Disponível em: www.cf.org.br/Apresentacao-slides.ppt acesso em 22 jan.2012.

ROCCA, Susana M. **Resiliência: um novo paradigma que desafia a reflexão e a prática pastoral.** Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/docdigital/simposioteologia/pdf/Susana%20M.%20Rocca%20L.pdf> acesso em 15 jan 2012.

SOUZA, Marilza Terezinha Soares de; CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **Resiliencia: introdução à compreensão do conceito e suas implicações no campo da psicologia.** Disponível em: <<http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/Humanas%202006%202/Pdf/2%BA%20art..pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2012.

YUNES, Maria Angela Mattar. **Psicologia positiva e resiliência: o foco no individuo e na família.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2012.